

# Revolução

UM HOMEM NA MULTIDÃO

O CANDIDATO  
DAS MASSAS  
TRABALHADORAS



PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

dos leitores

# O PRP E O PODER POPULAR

Porto-Voz do PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

Parece-me que o PRP se tem despreocupado um pouco nestes últimos meses no que respeita ao esclarecimento sobre algumas questões políticas importantes.

O PRP foi a primeira organização em Portugal a defender claramente que a ditadura do proletariado não se pode confundir com a ditadura do partido ou de um grupo; que uma coisa é a classe, e outra é o partido. Isto, por si só, revela um corte radical e revolucionário com as concepções de organização proletária até então propagandadas no movimento operário e nos círculos intelectuais progressistas.

Ao PRP se deve em Portugal uma clara concepção de ditadura do proletariado e de socialismo: «Consideramos que a ditadura do proletariado não é a ditadura do partido mas sim a ditadura da classe sobre a burguesia. É a ditadura exercida por órgãos eleitos pela classe»; «nós pensamos que se fôr o nosso partido ou outro qualquer a tomar o poder é uma burla, é um partido a tomar o poder em nome da classe, e não é a classe a tomar o poder». Sobre o capitalismo de Estado: «contrapomos a isso uma economia que seja planificada, analisada, dirigida e executada pelos trabalhadores» (citações da intervenção do PRP-BR no 1.º Congresso dos CRTSM, em «Revolução» n.º 37, 23/4/75). Sobre a revolução socialista: «trata-se do processo no qual a tomada do poder e o exercício desse mesmo poder serão feitos pelo próprio proletariado organizado em Comissões Proletárias (ou Soviets) de empresa e de bairro» («Revolução» n.º 23, 6-12/74).

Contudo, nos últimos meses, parece-me que o PRP não tem tido muito cuidado no tratamento de algumas questões políticas essenciais. Por exemplo, o PRP praticamente deixou de falar nos Conselhos Revolucionários como conteúdo organizativo essencial do socialismo. Só tem falado da socialidade da revolução socialista,

da urgência da tomada do poder, mas não tem mostrado e esclarecido a expressão organizativa deste poder. O proletariado no poder é indetectável com a vaga fórmula do Poder Popular, agora na moda. Tem sido dado relevo à questão (importante) do governo revolucionário, mas o esclarecimento sobre os conselhos tem ficado para trás.

Bem sei que a actual situação subjectiva não está para os CRTs (e a simples prova disso é que eles não aparecem). Mas isto não quer dizer que desistamos da propaganda dos conselhos, e por duas razões: por um lado, porque sabemos que a situação objectiva em Portugal (crise económica, etc) está explosiva, e se o movimento de massas entrar consciente na cena política nacional, a organização em conselhos será de certo uma necessidade do proletariado para fazer avançar o processo revolucionário; por outro lado, porque seja qual for a conjuntura política em que vivamos, os princípios teóricos gerais do socialismo não mudam com o tempo, ou pelo menos assim tão facilmente. Em democracia burguesa ou em fascismo, para nós o socialismo será sempre o proletariado organizado em classe dominante, exercendo o poder por intermédio de órgãos eleitos por ele para esse fim (os conselhos revolucionários); será sempre os trabalhadores à frente da gestão da produção e da vida social. E se os trabalhadores não forem capazes de realizar esta gestão, não se deve tirar daqui a conclusão de que a sociedade socialista tem de ser gerida por um grupo social separado dos produtores, mas sim a de que o socialismo não passa afinal de uma utopia.

Outro aspecto é a questão do Poder Popular. O PRP tem utilizado esta expressão, mas não tem definido claramente o seu papel político concreto e exacto. «O Poder Popular e a expressão pela qual se designa a organização autónoma dos trabalhadores.

Ele inclui comissões de moradores, comissões de trabalhadores e conselhos revolucionários onde os houve» (E agora? O proletariado na hora das grandes opções, Edições Revolução, p.56). Se no Poder Popular estão órgãos reivindicativos (CM e CT) e órgãos de poder (CRT), não pode haver definição específica e concreta de Poder Popular: ele inclui tudo, (prática e objectivamente) não significa nada.

Por outro lado a expressão Poder Popular enferma em si uma contradição mortal. Diz-se que é o povo quem vai tomar o poder, é pura e simplesmente fazer demagogia e mistificação: o povo não pode tomar o poder, porque o povo é os pequenos comerciantes e agricultores, os grandes capitalistas e agrários, o proletariado. Na perspectiva da luta de classes (isto é, de dinâmica social capitalista), povo não significa nada. Mas mesmo reduzindo o significado de povo aos trabalhadores explorados, a demagogia continua: o povo não está em condições de tomar e exercer o poder; quem o está é somente o proletariado, e nomeadamente o seu sector de vanguarda, a classe operária. Portanto, dizer «viva o povo no poder» («viva o Poder Popular») é partir de uma base falsa e mistificadora: é partir já de início com a certeza da impossibilidade da concretização prática da fórmula Poder Popular. Talvez assim se compreenda porque que certas organizações maoístas gostam tanto de falar nele, tentando identificar poder popular com vontade popular. Entre vontade e poder há a diferença que vai de «st. ministro, nós queríamos que...» «Hei malta, vamos mas é tomar o poder e organizar a sociedade à nossa maneira». O «Poder Popular» está na moda, e corre o risco de se comercializar e de se tornar numa grande vigância. O PRP tem a responsabilidade de ir nesta onda, sem definir as funções concretas que o Poder Popular deve assumir. Vejamos agora o último livro

editado pelo PRP, «E agora? O proletariado na hora das grandes opções» (Abril de 76). O PRP continua a fazer a distinção entre ditadura do proletariado e ditadura do partido, e continua a defender os conselhos revolucionários: «a ditadura do proletariado para ser a ditadura de uma classe inteira e não a ditadura de um partido, terá de ser baseada no poder dos conselhos». «Raramente se elegeram órgãos de poder político, para o exercício

do poder e para a organização armada. Essa era a proposta dos conselhos revolucionários». «Se em Portugal o proletariado vier de novo para a rua, se a crise se agudizar, se o confronto se der, a constituição de conselhos revolucionários eleitos será de certo uma necessidade sentida pelas massas» (citações da p. 57). Mas estas frases perdidas no livro correm o risco de ficarem reduzidas a um conteúdo va-

Continua na pág. 10

## PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa

Tel. 573520/573640/573717/573670

DELEGAÇÃO DO NORTE

Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

## LIVRARIAS REVOLUÇÃO

### CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A, Horário — das 12 às 14 horas e das 16.30 às 24 horas.

### ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D, Horário — das 12 às 20 horas.

### ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110  
Tel. 315759/315786

VIANA DO CASTELO — Rua de Altimira, 102 Tel. 24320

MATOSINHOS — Rua Conde de S. Salvador, 374  
Telefone: 931925

BARCELLOS — Av. Liberdade 60 r/c

### ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queirós, nº 33

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, n.º 60 — Tel. 25542

MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, n.º 65

CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10

ARGEA — Tel. 92169

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afreixo, n.º 142  
Telefone: 24149

### ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40

SACAVEM — Largo 5 de Outubro, n.º 16-17 Tel. 2512807

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, n.º 15 — Algés de Cima  
Tel. 2100337

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade 1 Tel. 2474142

CACÉM — Rua de Paço de Arcos, Lote 16

### ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Rua Jorge de Sousa  
SETUBAL — Praça do Bocoage, 3

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2763267/2763397/2763122

BARREIRO — Rua dr. Eusébio Leão, n.º 31 Tel. 2076745

QUINTA DA LOMBA — Rua dr. Góes, 21-A

LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, rd 12

SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86 — Tel. 62880

TORRÃO — Horta Seca

### ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

BEJA — Rua Alexandre Heróulano, n.º 29 Tel. 24594

ALJUSTREL — R. da Liberdade, n.º 13, Aljustrel

### ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — R. Reitor Teixeira Guedes, 35 - Tel. 24 107

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C

LOULÉ — Av. José da Costa Meilha, n.º 39-1.º Tel. 63043

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

ESTOMBAR — R. D. Pedro Galvão, 5

MONCHIQUE — Estrada da Foia, 9, Monchique

### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

## Revolução

# Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

Semestral 90\$00  Anual 180\$00  PAGAMENTO

Estrangeiro

Semestral 300\$00  Anual 600\$00  Em cheque

Em vale

EANES

# O homem que fugirá do socialismo

Ramalho Eanes, o homem lançado pelo «Grupo dos Nove», ou melhor por uma parte, é uma das figuras aparecidas depois do golpe reaccionário do 25 de Novembro.

Apareceu, como militar «íntegro», capaz de responder à «indisciplina», capaz de pôr o país na «ordem».

É o reorganizador das forças de repressão, é defensor do Exército profissionalizado e da disciplina militarista.

A medida que o tempo passava Eanes, cada vez aparecia como o chefe militar desejado pela facção mais reaccionária das F.A. e capaz de arrastar consigo os mais amplos sectores da burguesia fascizante. É aqui, que se dá a intervenção dos «Nove» que, dando-lhe um cariz mais à esquerda (identificando-o com eles e com o PS), tentam congregá-lo nele, não só o apoio da direita fascista como da social-democracia e do reformismo. Das suas declarações nota-se que só um inimigo o atinge, os que querem o Poder dos trabalhadores.

Com o aparecimento de Pinheiro de Azevedo como candidato, mais interessado em roubar a Eanes os apoios de direita que os do reformismo (que sabe terem muito mais pendor para Otelo e que isto vai ser um quebra-cabeças para a direcção do PC) e dos sectores mais à esquerda do PS a candidatura de Eanes aparece, cada vez mais, e apesar de congregá-lo o apoio de todos os partidos reaccionários e brugheses, como a candidatura da social-democracia, da recuperação capitalista em democracia burguesa.

Assim, vejamos como Eanes não abandona a expressão «socialismo», dando-lhe um conteúdo social-democrata, apontado para a resolução dos problemas da burguesia sem cair no fascismo, sem hostilizar o reformismo, abrindo uma porta a este para que o apoie, ao mesmo tempo que fala no «controlo» pelo trabalhadores.

A quem ele não perdoa é aqueles que sabe nunca poder conquistar, é aqueles que percebendo a impossibilidade da democracia burguesa e face ao dilema fascismo ou socialismo, põe de facto o problema do socialismo, do poder aos trabalhadores, da revolução socialista.

Assim, nas últimas entrevistas e declarações de Eanes, há a salientar as suas ameaças descaradas àqueles que caracteriza como «pequenos partidos que seguem uma prática diária antidemocrática, que procuram, aliás, eles afirmam-no pública e repetidamente, condições objectivas e subjectivas de revolução social, condições que ainda não existem neste País». É sobre estes que cai o ódio de Eanes, é sobre aqueles que defendem o projecto do Poder dos Trabalhadores.

## EANES E O REFORMISMO

Sobre o PC ele não considera que haja ainda problemas. Pensa que o PC não é assim tão mau como isso.

Considera que há «áreas» do PC que têm uma prática «antidemocrática» mas que não se pode responsabilizar o PC no seu todo.

Mas não os deixa em seco. E, caso o PC não se comporte como a burguesia quer (como travão do movimento de massas) Eanes promete actuar sobre ele «com preocupações democráticas, mas com determinação».

Sobre Otelo, Eanes, considera que «não tem qualquer hipótese de ganhar» mas, «se o povo entendesse que ele deveria ser o seu Presidente da República eu, pessoalmente não aceitaria e sairia deste País».

**A candidatura de Eanes é assim o saco de batatas, onde cabem desde os fascistas, até aos reformistas, desde que estes cumpram o seu papel de travão das lutas dos trabalhadores.**

Esta candidatura, aparece como a defesa de todos os valores da burguesia, a defesa do capitalismo ao mesmo tempo que promete a repressão sobre a esquerda revolucionária.

## QUAIS OS INIMIGOS DE EANES

Para ele, o problema nunca vem da direita e, todo o perigo vem da esquerda revolucionária sobre as quais considera que a qual considera que as «autoridades actuarão com firmeza para que a ordem democrática não seja perturbada». Para Eanes o problema é com aqueles que «mesmo sendo pequenos», podem fazer uma «análise correcta» e actuando correctamente face à situação, podem levar à destruição da «democracia» dos Eanes, a democracia da burguesia, à destruição do capitalismo.

O programa da candidatura de Eanes é, assim a tentativa de estabilização da situação política, a defesa do capitalismo, sem entrar em formas agudas de repressão, ao mesmo tem-



Eanes — um homem com passaporte à procura do país dos que não se sabem sorrir

po que uma promessa de luta «eficaz» contra a revolução socialista.

## O PROJECTO DE EANES

Para Eanes o tempo que vem, vai ser «um tempo cheio de dificuldades», a degradação da situação económica é um dos principais problemas a resolver. Embora venha a dizer que a recuperação da economia não se deverá fazer à custa dos «direitos» dos trabalhadores, afirma que «a iniciativa privada terá, também, neste processo de transformação, o seu lugar próprio bem definido e a sua função de estímulo competitivo».

A par do papel que confere à «iniciativa privada», alerta os trabalhadores para que se «evite sacrificar o futuro a ilusórias utopias ou vantagens imediatas».

Aqui vai estar o cavalo de batalha de Eanes se vencer. As promessas fazem-nas para conquistar votos e, se não bastasse a experiência dos trabalhadores, sobretudo os fardados, do que é a «democracia» de Eanes vejamos quais são as promessas de Eanes.

A «iniciativa privada», não é mais do que o poder económico da burguesia e serve sempre para explorar os trabalhadores e, em Portugal, para se tornar «competitivo» exige uma exploração desenfreada e por isso Eanes dá-lhes o mote. Sempre que os trabalhadores reivindicarem devem ser considerados «reaccionários» ou «esquerdistas» pois estão a comprometer o «futuro».

O projecto de Eanes é o programa da pequena burguesia assustada que está disposta a lutar pelos seus privilégios de classe, aliando-se à grande e média e portanto, se necessário for, entrar em formas de poder fascista.

O projecto é, sobretudo de luta contra um Poder dos trabalhadores e aqui pretende congregá-los todos os sectores da burguesia, fazendo, no entanto cedências ao movimento dos trabalhadores para lhe tentar calar a boca. Mas a situação económica em Portugal não se compadece com este projecto e, rapidamente, caminharão para formas cada vez mais fascistas de Poder.

## NOTAS BREVES

### A DEMOCRACIA DOS GENERAIS BURGUESES

Segundo o jornal «A Luta» de 1-6-76 o Estado-Maior do Exército emitiu uma ordem em que impede os militares de «publicamente exprimirem opiniões pessoais sobre o utros militares».

Será que o brigadeiro Vasco Lourenço vai deixar de andar a fazer publicidade a Eanes?

Em todos os sítios onde tem ido botar discurso Vasco Lourenço tem feito elogios públicos a Eanes, tem-no apresentado como o candidato ideal. O motivo da referida ordem do Estado-Maior foi segundo o mesmo jornal, o terem sido publicadas no «Expresso» várias opiniões de militares sobre Eanes. Mas porque não incluir também os discursos de Vasco Lourenço? É esta a «democracia» das Forças Armadas burguesas!

### APOIO DO CDS

Segundo o fascista Freitas do Amaral, Pinheiro de Azevedo não é o candidato que lhes serve porque, entre outras coisas, «foi mesmo, durante algum tempo partidário de uma aliança entre o Partido Comunista e o Partido Socialista».

Quer dizer, que Ramalho Eanes não o foi, nem o é, ou pelo menos, que os fascistas do CDS, contam com força para imporem a Ramalho Eanes que essa aliança não se faça.

Mais um golpe na «maioria de esquerda». Mais uma prova de confiança dos partidos fascistas em Eanes apesar de todo o cariz de «esquerda» que a candidatura pretende apresentar.

Quer dizer que o verniz está todo estragado, está todo estalado e mostra o que está por detrás.

### PS: O PAIZINHO

Mário Soares à chegada do México, onde se encontrou com os seus parceiros social-democratas afirmou, acerca do PC, que este estava a mudar ao nível das palavras, mas que precisa também de o fazer ao nível dos actos. E até o PS considerar que o PC o fez, não contem com alianças.

O «paizinho» acha que eles se estão a portar melhor mas ainda não lhes dá o prémio enquanto não vir tudo.

É com estes que o PC quer construir a «maioria de esquerda». Mas eles só aceitam se o PC mudar e, claro está, ainda mais para a direita.

O PS só aceita o PC desde que ele abandone definitivamente a política de se servir das bases para manobrar ao nível do Poder e que as utilize só para travar as lutas dos trabalhadores, que se contente com os lugarejos que lhe poderá ceder e que não procure nunca passar-lhe à frente.

### O CANDIDATO DE PORTUGAL

Vasco Lourenço na EPI afirmou, acerca dos apoios a Ramalho Eanes, que isso não o preocupava e que até queria dizer «que ele consegue efectivamente ser o candidato de Portugal».

O Portugal do sr. brigadeiro são os partidos desde os social-democratas até aos fascistas.

Ainda bem que ele fala assim porque agora ficou expresso pela sua boca a democracia que preconiza. É a democracia para os partidos fascistas, para os social-democratas do PS, para os grupos neo-fascistas, pois esses são Portugal.

Vasco Lourenço não se deixa entalar por essa história da existência de classes com interesses antagonicos. Para ele, Portugal é a burguesia, é a sua classe.

e a actualidade nacional

OCTAVIO PATO

# A candidatura da divisão dos trabalhadores

A alternativa para o PC é a já estafada «maioria de esquerda». Em nome dela justifica toda a sua actuação face à situação política.

A concretização da «maioria de esquerda», é um governo PS-PC, cuja política seria a de caminhar de degrau em degrau para o «socialismo», fazendo concessões à burguesia, tentando evitar o fascismo e ao mesmo tempo a revolução socialista.

Os frutos de uma política deste género, são, normalmente, os frutos que o Chile hoje mostra. A burguesia não esperará nunca, passivamente, que o Poder lhe fuja e, não terá meias medidas quando reprimir.

Face às candidaturas que se apresentavam, qual poderia ser a hipótese do PC?

O melhor candidato, para o PC, seria Costa Gomes mas, este, não estava disposto a arriscar-se a perder, pois só poderia contar com o apoio do PC e, aqui, é outro dos falhanços da «maioria de esquerda». Como têm des-

caramento de ainda continuar a falar dela quando, acerca da questão do futuro governo o PS mantém a sua posição de governar sozinho, quando não se conseguem entender ao nível de um candidato comum.

As outras hipóteses — embora para a direcção do PC, apoiar Eanes seja de considerar, para não perderem a carroça do Poder burguês — chocam profundamente com os interesses das bases operárias do PC que, vêm claramente nesses homens a imagem da classe que os oprime e os explora.

Apoiar Otelo é a solução das bases do PC, mas é impossível para a sua direcção apoiá-lo pois pretende manter-se de «boas relações» com a burguesia e isso iria colocá-los em oposição frontal ao Poder burguês, no qual eles aspiram participar.

A luta do reformismo é por se manter no governo burguês. Para tal, não hesita em recorrer a todos os meios.

partidos fascistas e Octávio Pato vê descer, dia a dia, o número de possíveis votantes.

E, cada vez mais ao nível das grandes massas de trabalhadores, a política da «maioria de esquerda» vai aparecendo como impossível, a candidatura revolucionária vai encontrando maiores apoios, a compreensão de que em Portugal ou é fascismo ou socialismo e que não há uma terceira alternativa, toma-se um facto para os trabalhadores.

É por isto que o inimigo principal do reformismo não é as candidaturas da burguesia, não é a unidade que a burguesia pretende atingir a partir delas, é a candidatura de Otelo que é o inimigo principal.

## QUAL O INIMIGO DO REFORMISMO?

Em todos os discursos, o PC tenta denegrir a candidatura de Otelo, não a combate ideologicamente, calunia-a. Aliás, que outro método poderia ter?

Para o reformismo a candidatura de Otelo é «divisionista» mas, ao nível dos trabalhadores o que se verifica é que, à base desta candidatura se vai construindo a mais forte unidade. Para o reformismo a candidatura de Otelo não serve para unir as Forças Armadas. Mas que Forças Armadas? As F.A. da burguesia. As F.A. dos Jaime Neves, Moraes da Silva, Eanes, Azevedo, Pires Veloso, as F.A. burguesas. São estas as F.A. que o reformismo pretende manter unidas. Para os trabalhadores há é que reforçar a unidade e organização dos soldados e oficiais revolucionários sem conciliações nem uniões com os fascistas.

Octávio Pato considera que não se deve «confundir as pessoas com as forças que eventualmente as estão a apoiar» mas não faz isto em relação a Otelo. Faz isto em relação a Eanes porque pensa que ele poderá ganhar e não quer vir a estar de «más relações» com o futuro P.R. E que o leva a contar que Eanes vai ganhar? É a soma aritmética dos vários partidos que apoiam Eanes que é o mesmo argumento de todos os partidos burgueses, que é o argumento de quem aceita fazer política como a burguesia.

O reformismo afirma que Otelo não tem hipóteses de ganhar mas não explica porquê. Todos os argumentos que utilizou para explicar a pouca votação no PC são metidos na gaveta, a hipótese de um grande movimento de massas, assusta-os pois sabem que

Continua na pag. 10

ARLETE VIEIRA DA SILVA

# A tragicomédia das organizações trotskistas

O caso da candidatura de Arlete Vieira da Silva, proposta pelos trotskistas é sobejamente triste, para que se possa dar livre curso ao riso que ele na verdade provoca.

Por um lado, vimos há umas semanas o lançamento desta candidatura feita pelo PRT e pela LCI, nuns termos perfeitamente contraditórios, cheios de lugares comuns que estas organizações utilizaram durante toda a campanha para as legislativas. Dizendo-se a candidatura do «povo contra os burgueses e os generais», assentava toda a sua análise nos slogans do PC da «maioria de esquerda». Propunha-se convidar Soares a formar governo, defender os direitos das mulheres e dos trabalhadores em geral. Por outro lado, as organizações proponentes não se cansaram de elogiar o seu passado de anti-fascista e de revolucionária resistente (3 anos de clandestinidade, 4 de prisão, 18 de militância no PC).

Arlete Vieira da Silva, recusando as candidaturas de Eanes e Pinheiro de Azevedo como candidaturas da burguesia e a do Pato como manobra de pressão do PC, não aceitava tão pouco a de Otelo, por não lhe reconhecer a devida «firmeza» revolucionária.

Entretanto, grande foi o relevo que os jornais da burguesia deram a Arlete e consequentemente à candidatura da LCI-PRT. Desde «A Capital» ao «Diário de Notícias», desde o «Jornal Novo» e «Tempo» à «Flama». Eram páginas inteiras com entrevistas e fotografias. O «Jornal Novo» referia-se a ela no seguinte tom elogioso: «Talvez como resultado de uma vida de militância política, fala de maneira simples, pausada, calma, o seu discurso não soa em nada artificial».

Também jornais e organizações estrangeiras sobretudo de expressão trotskista, saudaram com alarido esta candidatura. Para o «Rouge» apenas os trotskistas tinham ousado apresentar uma candidatura «revolucionária».

Mas eis que o pano cai. A LCI, depois o PRT, retiram o apoio à candidatura. Dão como razão, a falsidade das



suas informações sobre o seu passado de luta. Num patética conferência de Imprensa, entra num jogo acanhado e gago do «porque mentiu», «porque pensavamos», «porque nos disse», «porque afinal não é verdade».

É mais que ridículo, é trágico, ver a irresponsabilidade de duas organizações políticas que até se dizem «dos trabalhadores» em cair num episódio como este. Apresenta-se o candidato, depois vai-se ver quem é. Isto se pensarmos que a LCI é uma organização com ligações internacionais, com lugar na IV Internacional.

Que dirão como desculpa os trotskistas estrangeiros que não se têm esquivado a dar a sua sentença sobre o processo português? Que dirá Mandel?

Pensamos que esta foi uma dura machadada no quase nada que resta do movimento trotskista.

Pobre Totsky que não deixam de destruir o que ficou da tua dignidade revolucionária!

## QUE SIGNIFICA A CANDIDATURA DE OCTAVIO PATO?

Quando o PC lança Octávio Pato significa que não pretende hostilizar frontalmente as candidaturas burguesas, que joga abertamente na democracia-burguesa e por se manter no governo da burguesia e, ao mesmo tempo que a sua direcção não tem força para impor às bases, face à candidatura de Otelo, um voto nem em Ramalho Eanes, nem em qualquer outro candidato burguês.

Não podendo apoiar directamente um candidato burguês e concretamente Eanes, a candidatura de Octávio Pato é, também, a melhor forma que o PC encontrou para combater a candidatura de Otelo e combater ao mesmo tempo a esquerda revolucionária.

Mas o vento não lhes corre de feição. Enquanto travam uma luta desesperada para manter a coesão interna e conseguirem explicar às suas bases porque não apoiam Otelo, o PS cada vez é mais duro para com eles, Eanes cada vez tem mais apoios dos

# SÁ CARNEIRO E O "MINIPLANO MARSHAL"

O Secretário geral do PPD esteve no American club, acompanhado de Frank Carlucci.

E falou das necessidades de Portugal, e de como ele resolveria os problemas deste país.

Para Sá Carneiro, é necessário a austeridade, a contenção dos salários, o incremento de regalias sociais, a racionalização do sector nacionalizado, a definição dos sectores públicos e privados, com um maciço investimento privado. Por outro lado para Sá Carneiro é também importante «apelar às organizações internacionais no sentido de virem a Portugal elaborar as linhas mestras de um plano global a submeter ao governo e ao parlamento e desenvolverem a sua ajuda a partir daí».

É isto, que Sá Carneiro quer, que Portugal se submeta mais ao imperialismo. Quer que os seus técnicos venham para cá e nos digam como devemos fazer. Quer que os trabalhadores «apertem mais o cinto».

Quer que a sua conta bancária e a de todos os capitalistas aumentem. Quer fomentar a criação de mais multinacionais. Quer uma sociedade capitalista onde os trabalhadores tudo produzem e nada colhem.

É tudo que Sá Carneiro quer com a aplicação do seu «mini-plano marshall».

PINHEIRO DE AZEVEDO

# Um candidato americano

Pinheiro de Azevedo, é um dos candidatos. Candidato especial e «diferente dos outros», como ele próprio afirma, pois não tem «apoios partidários», só «familiares e amigos».

**Pinheiro de Azevedo é também 1.º Ministro do VI Governo, cuja prática é bem conhecida dos trabalhadores, na forma como esteve sempre e está, contra as suas lutas, na defesa intransigente dos interesses da burguesia. É com o VI Governo que os trabalhadores vêm as suas casas que foram ocupadas, serem invadidas pelas forças repressivas. É do VI Governo que saem as leis para a desocupação dos terrenos que os trabalhadores rurais cultivam e gerem.**

E Pinheiro de Azevedo, é a cabeça principal do VI Governo. Mas, não é só isto que Pinheiro de Azevedo é. É ele também que na fase mais aguda da luta dos trabalhadores da Construção Civil, os manda à merda. É ele também que antes do 25 de Novembro, mais apelou para a «autoridade e disciplina», e que depois da aquela data disse estarem criadas as condições para essa mesma «autoridade e disciplina». OTELO e outros militares revolucionários estavam na cadeia.

Pinheiro de Azevedo, aparece no 25 de Abril como membro da Junta de Salvação Nacional. Resiste aos embates do 28 de Setembro e do 11 de Março. Assiste à queda de Spínola. Hoje, fala-nos da «reabilitação» daquele fascista, não como homem político, mas como militar, aliás, considera que ele é muito prestigiado nas Forças Armadas e que muitos dos oficiais que comandam unidades são spinolistas, o que até lhe agrada.

E candidata-se. Candidata-se porque não aceita o «candidato único, nomeado». Só por isto?

Claro que não. **Pinheiro é um homem ambi-**

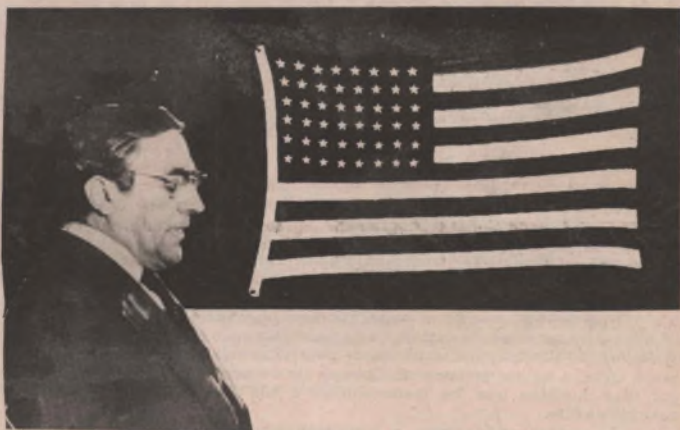
**cioso, está no Poder e não o quer perder.** Por outro lado não perdoa que organizações como o PS e o PPD, que sempre o apoiaram, lhe virem depois as costas e vão apoiar Eanes. E torna-se um mau candidato da burguesia, divide-a. E, por isso se lança no combate aberto, pela conquista de possíveis votantes em Eanes, ao mesmo tempo que o máximo que dá ao PC é a «legalidade», o que lhe poderá dar uma imagem de estar disposto a cortar radicalmente com a política de puxar o PC mais para a direita. Sendo assim, é o campeão do anti-PáC&Pismo e do anticomunismo, o que lhe poderá dar mais votos da burguesia fascista.

No entanto, pensa jogar com o PC para travar os trabalhadores pois afirma que o considera útil para a «estabilização da situação em Portugal», dado que a sua capacidade de mobilização reside em especial nas direcções dos Sindicatos, e assim poderá haver «um acordo entre as classes trabalhadoras e o Governo», o que facilitaria o trabalho à burguesia.

Importante também, a forma como Pinheiro de Azevedo diz estar dependente a participação do PC no Governo, isso para ele é uma resolução que cabe aos Estados Unidos da América, é a submissão às decisões do imperialismo.

Se estes estiverem de acordo o PC participará. No entanto, e muito solenemente, Pinheiro disse, na sua conferência de imprensa que, «respeitarei Portugal, e velarei pela sua independência».

Lembramos ainda, a propósito da independência nacional «tão desejada» por Pinheiro de Azevedo, as suas declarações aquando da sua estadia na NATO, em que ele defendia intransigentemente a permanência de Portugal na NATO, e que afirmava que um Governo comunista em Portugal, de forma alguma seria



Pinheiro de Azevedo: mais uma estrela na bandeira?

compatível com essa permanência, declarando que caso se «elegesse» em Portugal um Governo comunista a Nato, «faria por via democrática, tudo para alterar essa escolha, jogando se necessário, junto dos próprios países do Leste».

A «via democrática», como é evidente, é à chilena, é a mais feroz repressão.

São estes os conceitos de democracia e independência nacional do almirante «Barda-merda», como é conhecido pelos trabalhadores.

Pinheiro de Azevedo que tão apoiado foi pelo PS, PPD e demais partidos da burguesia, está só na sua candidatura e por esses partidos é combatido. Afirma não acreditar na disciplina das bases dos partidos, e assim ter possibilidades de chegar à presidência. A sua ambição

de Poder leva-o a destruir argumentos da própria burguesia, que neste momento se apressa a somar os votos obtidos por todos os partidos que apoiam Eanes, para lhe dar a imagem desde à partida do vencedor e assim conquistar mais votos.

A grande luta de Pinheiro de Azevedo é contra Eanes, pois ambos têm o mesmo espaço político, ambos são candidatos da burguesia. Só que Pinheiro tem apenas o apoio da sua «forte personalidade», aliás bem conhecida dos trabalhadores e que a sua melhor caracterização, é a sua mais célebre frase em que mandou os trabalhadores à merda.

Depois das eleições defenderam os dois o mesmo: a recuperação capitalista, o esmagar da organização revolucionária dos trabalhadores.

# AS ANÁLISES DO "DIÁRIO"

O «Diário», jornal officioso do PC, foi juntamente com o «Dia» (fascista) e «A Luta» (controlado pela ala direita do PS), os jornais que mais se empregaram em tentar diminuir a grande manifestação no Porto de apoio a OTELO.

O «Diário» que se afirma dar uma «informação correcta» só não passou o assunto em branco porque era descaradamente a mais.

No editorial de 31-5-76 a análise do «Diário» é a seguinte: a candidatura de OTELO só vem prejudicar a política da «maioria de esquerda», os dirigentes do PS andam a fazer anticomunismo o que só prejudica a política da maioria de esquerda e, no entanto, a única política possível é a da «maioria de esquerda».

## O REFORMISMO NUM BECO SEM SAÍDA

É de facto, o reconhecer do beco sem saída em que se encontra o reformismo. Por um lado o movimento de massas em torno de OTELO não lhes convém, pois iria ultrapassá-los, pois não se compadecerá com o reformismo por outro, os sociais-democratas continuam a não se aliar com eles e, inclusive, intensificam os ataques, pois, se assim não fosse, perderiam a sua base de apoio principal — a pequena burguesia.

Para o «Diário», nos partidos que apoiam a candidatura do major OTELO

Saraiva de Carvalho têm proclamado sempre a sua fidelidade ao socialismo. Não duvidamos que muitos dos seus militantes estejam persuadidos da correcção da escolha feita. Mas até agora pouco demonstraram compreender a complexidade dos problemas suscitados por essa candidatura.

Demonstram a quem? Só há uma classe a quem demonstrar a correcção das posições, é ao proletariado e aí tem-se visto como têm recebido entusiasticamente a candidatura de OTELO. Por outro lado, segundo o próprio OTELO, ele conta mais com as organizações populares de base do que com os partidos, além de que, só cada vez mais os militantes do PC que apoiam esta candidatura e, é por isso, que o «Diário» torce tanto o nariz.

OTELO «não tem a menor probabilidade» de vir a ser eleito. Além da discussão desta afirmação, seria bom que o PC explicasse qual a probabilidade de Octávio Pato ser eleito.

A candidatura de OTELO «não sensibiliza áreas importantes das Forças Armadas». Mas de que «áreas» estão a falar. Dos soldados não é de certeza! Com os outros também OTELO foi claro. Os que tinham a fazer a sua opção de classe, neste momento, já a fizeram e, será que os senhores do «diário» pretendiam «sensibilizar» com uma candidatura revolucionária os reacçãoários?

Ainda segundo o mesmo artigo, não

foi o movimento de massas que impôs a candidatura de OTELO. Para o «Diário» os plenários nas empresas não contam. O que contam são as manobras e os comunicados das células do PC, os comunicados dos órgãos dos trabalhadores controlados pelo PC, mesmo que tenham posição diferente da do plenário da empresa, que os elegeu.

Depois tem o descaramento de considerar que a candidatura de OTELO foi recebida com agrado pela burguesia, que até lhe facilitou as coisas. Para quê? Para estragar a candidatura de Octávio Pato que apareceu depois ou a de Eanes? O que se verifica é que as derrotas da burguesia são transformadas em vitórias pelos reformistas e, na sua cegueira de travarem o movimento dos trabalhadores não hesitam em inventar seja o que for, em caluniar.

## A ALIANÇA COM O PS

Mas não é só por estes lados que as coisas correm mal. Segundo o «Diário» o PS mantém-se no seu «orgulhoso isolamento», proclamando «des-cabidas catilinares anticomunistas» e Jaime Gama, Manuel Alegre, Salgado Zenha e Mário Soares «cultivam o anticomunismo», permanecendo indiferentes à «colagem» que a direita lhes faz.

E, mesmo assim, PS (que fomenta o anticomunismo) juntamente com o

PC fomentará um governo de «maioria de esquerda»...

É caso para dizer que ou querem fazer de parvos os trabalhadores ou, os argumentos são tão fracos e estão dispostos a fazer tais concessões à burguesia que nem sequer conseguem alinhar duas linhas com um mínimo de coerência.

São estas as análises do reformismo, disposto a trair até ao fim as suas bases por um objectivo que só existe na cabeça dos seus dirigentes e controladores, que não tem nada que ver com o socialismo e o comunismo.

Para o «Diário» aqueles que lutam pelo poder dos trabalhadores, aqueles que pretendem construir em torno da candidatura de OTELO Saraiva de Carvalho um poderoso movimento de reforço da unidade revolucionária e organização dos trabalhadores, «continuam a encarar a revolução sob perspectivas líricas».

Os senhores sapientes do «Diário» terão que descer do pedestal e explicar esta história ao pessoal, porque isso de chamar lirismo ao trabalho de luta antifascista, anticapitalista e anti-imperialista, à luta pela construção de uma alternativa revolucionária dos trabalhadores é estar a querer gozar com os trabalhadores, é o afundar do reformismo na sua política de traição, de conciliação até ao fim, mesmo que isso signifique a derrota dos trabalhadores, só para se manterem como estrutura partidária.

OTELO NO PORTO

# Unidade Popular para construir o Socialismo

A deslocação de Otelô ao Porto constituiu um importantíssimo acontecimento que, pela unidade demonstrada pelos trabalhadores ao longo de todo o percurso, ficará assinalada na história da luta antifascista e da construção do socialismo em Portugal.

Não foi apenas no Porto que, em diálogo permanente com os explorados, Otelô foi alvo de uma entusiástica e carinhosa recepção pelas massas trabalhadoras: desde Santa Apolónia, passando pela Azambuja, Entroncamento, Coimbra e Ovar, o ex-comandante do Copcon viu-se permanentemente envolvido por uma multidão que lhe testemunhava a sua irresistível disposição em avançar na luta.

Ao recusar o fascismo, o povo trabalhador mostrou também apoiar a candidatura revolucionária de Otelô e querer construir o socialismo

Embora já em Santa Apolónia tivessem estado presentes milhares de populares a saudarem Otelô, a primeira, nota grandiosa da viagem ao Porto foi dada nos comícios efectuados na Azambuja e no Entroncamento, localidades em que milhares de operários e camponeses aguardavam Otelô.

**TEM DE SER O POVO A TOMAR O PODER**

...Relacionando os objectivos da sua campanha com a resolução dos problemas concretos das respectivas populações (camponeses de Quebradas e operários de General Motors na Azambuja, e camponeses da Argea, ferroviários e metalúrgicos no Entroncamento), Otelô, após referir a situação das cooperativas agrícolas, afirmou, a dado passo:

«Tem de ser o povo a tomar o poder para que se construa, no nosso país, a sociedade socialista por tanto ambicionamos, onde não haja nem explorados nem exploradores».



Chegada a São Bento. Uma multidão entusiástica ia desde o comboio até ao topo da Avenida dos Aliados. Por entre estes trabalhadores, Otelô levou hora e meia para andar 500 metros

**COIMBRA: «ULTRAPASSAR OS DIVISIONISMOS PARTIDÁRIOS»**

Em Coimbra, após Ferreira da Costa, velho lutador antifascista, ter elogiado Otelô e denunciado «a contra-revolução social-democrata», usou da palavra o candidato do Poder Popular que afirmou:

«Não posso deixar de referir, em Coimbra, as tradições de luta existentes no povo coimbrão de que foram exemplos muito importantes, sobretudo, as lutas académicas que em 1969

criaram um «élan» muito grande à luta anticolonial.

Não queria deixar de referir também que toda a jornada de luta que vou desencadear para a campanha presidencial vai ser concentrada sobretudo, na unidade popular para a construção do socialismo.

É necessário que todo o povo português tenha consciência de que, só unido, ultrapassando os divisionismos partidários, será possível construir uma barreira muito forte para a luta contra a burguesia dominante que não deixou, de forma alguma, de deter, ainda, as rédeas do poder.

Para que se construa, no nosso país, a sociedade socialista que todos ambicionamos e que queremos doar aos nossos filhos, é fundamental, é imprescindível que exista, realmente, entre todo o povo trabalhador português, uma grande união.

A união faz a força e a força do povo reside, sobretudo, na unidade.

Têm exemplos aqui, em Coimbra,

de que isso é uma verdade. Têm presentemente o caso da «Mondorel» em que a luta dos trabalhadores permitiu uma unificação muito grande. As comissões de moradores da Relvinha, da Conchada e da Fonte do Bispo, criadas já segundo o projecto, que embora vivendo com extremas dificuldades, sobretudo devido à burocracia que existe nos órgãos de controlo do problema da habitação não tem, sobretudo depois do 25 de Novembro, ido tão para a frente como seria de desejar. Mas é preciso que entre as comissões de trabalhadores e moradores



Entroncamento. A chegada do comboio da unidade e da esperança, um homem no meio da multidão — pelo poder dos trabalhadores, pela revolução socialista!

exista também uma ligação muito firme de todas elas com o campo, com as cooperativas dos trabalhadores agrícolas, com as cooperativas de consumo, que neste momento estão, também, em formação.

**É necessário que o povo da cidade se una ao povo do campo. Sem essa união, companheiros, a sociedade socialista não será possível.**

Posto isto, o ex-comandante do Copcon considerou «a defesa, o reforço e o desenvolvimento das organizações populares de base, como factor imprescindível para a construção do socialismo em Portugal».

E, antes de prometer regressar a Coimbra durante a campanha eleitoral, Otelô afirmou ainda:

«O 25 de Novembro deu-me a possibilidade de me desvincular de quaisquer compromissos ou conciliações a que tive que me dedicar entre o 25 de Abril e o 25 de Novembro.

Não tenho qualquer vinculação a qualquer conselho, corredor ou gabinete.

Neste momento, **estou inteiramente devotado à luta da classe operária e do campesinato pobre** que, infelizmente, tão abandonado tem sido ao longo destes dois anos».

**OVAR: INÍCIO DA APOTEOSE**

... A presença de Otelô em Ovar constituiu um dos pontos mais impressionantes da apoteótica deslocação ao Porto. Em Ovar, vila situada numa zona dita reaccionária, milhares e milhares de operários bem como de camponeses e camponesas aguardavam Otelô com indiscutível entusiasmo.

Um camarada recebeu-o com estas palavras:

«Queremos que o nosso presidente lute pela unidade de todo o povo e se guie pela união entre a cidade e o campo, entre o Norte e o Sul,

entre o continente e as ilhas, contrabando, e muito particularmente no nosso distrito, para a resolução dos graves problemas que atravessam os nossos agricultores».

Na sequência desta afirmação, milhares de trabalhadores da região de Ovar gritavam **Norte, Sul, um só país, uma só luta.**

E o camarada de Ovar concluiu deste modo a sua intervenção:

«Queremos um presidente que se apoie no movimento popular, como força fundamental nas transformações económicas e políticas e que não permita que esta força invencível se divida.

Porque, para garantir tudo isto, é fundamental que as armas dos soldados e marinheiros não se virem contra as massas trabalhadoras, o nosso presidente **Otelô será o único que permitirá que tal não aconteça, lutando contra a profissionalização das Forças Armadas.**

Num estrado improvisado no «capot» de um automóvel, Otelô começou por reconhecer que «tudo aquilo que agora foi dito por este companheiro é o fundo do que me proponho defender, se vier a ser eleito presidente».

E, após referir que «as bandeiras vermelhas não podem desaparecer das mãos dos trabalhadores», Otelô realçou, uma vez mais, a importância da unidade dos trabalhadores bem como a necessidade de, tal como têm feito os camaradas da Rabor, se «lutar contra o capital estrangeiro».

**PORTO: O ÍMPETO DO MOVIMENTO POPULAR**

... Quando o comboio chegou ao Porto, foi um autêntico delírio. Cerca de uma centena de milhar de pessoas, distribuídas desde o topo da Avenida dos Aliados até à estação de S. Bento, aguardavam Otelô Saraiva de Carva-

Afinal é reacção a gente do Porto? Não! O antifascismo do Porto esteve na rua para aclamar o 25 de Abril e para aclamar o socialismo, tanto pela boca de apertados, como pela boca de militantes de partidos sociais-democratas e reformistas.

lho. Todavia, já antes da chegada a S. Bento, dois significativos acontecimentos assinalaram a entusiástica recepção de que Otelo foi alvo.

Assim, por um lado, desde o momento em que o comboio atravessava a ponte D. Luís, centenas de cidadãos anónimos saudavam, à porta das suas casas, a chegada de Otelo. De resto, ao longo de toda a viagem, o comboio foi saudado com extraordinário carinho por aldeões que, com a enxada na mão, acenavam às bandeiras rubras desfraldadas nas janelas do «Comboio Otelo».

O apontamento curioso do Porto está em que, até bandeiras do PPD foram vistas...

O segundo episódio que referimos consistiu no facto de, quando o comboio efectuava manobras na Campanhã, um responsável do PC em Ermeisalde ter tomado espontaneamente a palavra para testemunhar o seu apoio a Otelo Saraiva de Carvalho.

O ambiente que se vivia na estação de S. Bento era de tal modo entusiástico e apaixonado que quase não existem palavras que o descrevam. Dezenas de pessoas, sobretudo as mais idosas, choravam convulsivamente e procuravam ver e tocar em Otelo.

Foi com imenso custo, e não sem que a imensa onda humana tenha desfeito variadíssimas vezes o cordão da segurança, que Otelo saiu da carruagem, após o que demorou uma hora a percorrer a pé um percurso de 150 metros, tal é a distância que vai da estação de S. Bento ao topo da Avenida dos Aliados.

Uma vez iniciado o comício (e dir-se-ia que para muitos populares era mais importante a pessoa de Otelo do que propriamente as suas palavras), usou da palavra Ferreira da Costa, referindo os seus padecimentos no campo da morte lenta do Tarrafal, considerou que, «valeu a pena ter sofrido tanto para assistir ao 25 de Abril e viver agora esta jornada de luta, ao lado do camarada do povo: o grande Otelo».

Seguiu-se-lhe João Durães, membro da comissão revolucionária dos mineiros de S. Pedro da Cova, preso duas vezes pela PIDE, e destacado activista há mais de duas décadas, que afirmou:

«Com Otelo lutaremos até à vitória final. Estou aqui com a mesma força com que lutei durante 23 anos soterrado nas minas de S. Pedro da Cova».

José Correia Vieira, operário do PS, foi o orador seguinte. Discorrendo da orientação da direcção do seu parti-

do, considerou Eanes «um cavalo de Tróia» e afirmou a dado passo:

«Nós, os socialistas, apoiamos Otelo, um homem de cara lavada e de peito aberto, como sempre esteve nas batalhas ganhas ou perdidas: contra o fascismo de 28 de Setembro, contra o capitalismo de 11 de Março, contra o imperialismo de 25 de Novembro».

E concluiu deste modo:

«Os nossos filhos não nos hão-de perdoar se perdemos o nosso maior tesouro: a liberdade!»

É preciso que Otelo seja presidente».

Seguidamente, usou da palavra o camarada Leonildo Dias, membro de uma comissão de moradores que realçou o papel do Copcon nas ocupações e no fortalecimento da ligação cidade-campo, em contrapartida com Eanes, «cabeça dos latifundiários e dos capitalistas».

Terminou a sua intervenção com um vibrante apelo à unidade dos trabalhadores:

«Como dizem os camponeses pobres, uma vara quebra-se depressa. Mas, camaradas, um feixe de varas, bem unidas é impossível quebrar».

#### «A INDEPENDÊNCIA NACIONAL E O SOCIALISMO»

... A intervenção de Otelo era aguardada com natural expectativa e entusiasmo, que em nada foi beliscado pelo cansaço de muitos trabalhadores que, nalguns casos desde as 15 horas, aguardavam a pé firme a chegada de Otelo.

Começando por relacionar a sua presença no Porto com a jornada comemorativa da luta de 50 anos contra o fascismo, Otelo prosseguiu:

«Presto a minha homenagem a todo o povo trabalhador português que, de uma forma anónima, sofreu a exploração; povo que morreu nas masmorras da PIDE e que foi, enfim, libertado, em 25 de Abril de 1974».

E mais adiante:

«O povo pode vencer se contar com as suas próprias forças. Podemos ganhar se tivermos coragem para ganhar» (...).

«Actualmente a situação parece difícil. Os patrões regressam e impõem despedimentos. Os agentes da ex-PIDE/DGS são posto em liberdade sem que se preveja ou se fale sequer no seu julgamento.

Os preços sobem. Os salários não sobem, ou sobem pouco. Não há casas. Os géneros faltam. A PSP e a GNR intervêm de novo para ordenar os despejos, para vigiar as herdades colectivas do Alentejo, para reprimir as massas trabalhadoras».

O que quer isto dizer?

Isto quer dizer que os donos das fábricas, os donos dos prédios e os grandes senhores da terra foram apanhados de surpresa pelo 25 de Abril. E como foram apanhados de surpresa tiveram de recuar: uns fugiram levando para o estrangeiro o que tinham: dinheiro, ouro, jóias, objectos de arte, etc. Outros ficaram cá: recuaram, organizaram-se secretamente nuns casos, publicamente noutros e, aproveitando os erros do movimento popular, passaram ao ataque.

Que querem eles?

Querem destruir as conquistas alcançadas pelo povo trabalhador em 25 de Abril, acabar com a Reforma Agrária e as nacionalizações. Querem também dificultar, e mais tarde impedir o direito à greve».

«Podemos impedir o desemprego e a alta do custo de vida. Podemos conquistar a independência nacional.

Ousando lutar, ousando vencer, poderemos avançar.

A independência nacional é um passo fundamental para conquistarmos a independência (...).

Não são os estrangeiros que defendem o imperialismo e atacam a independência nacional. O imperialismo é um sistema mundial e em todos os países há partidos políticos que defendem o imperialismo».

Em seguida, Otelo referiu o facto de Sá Carneiro querer um novo Plano Marshall, isto é, o investimento de capital americano em Portugal, o que considerou ser um insulto aos portugueses. E acrescentou:

«Os trabalhadores portugueses, os técnicos portugueses são perfeitamente capazes de fazer um plano, e também temos cá dinheiro e trabalhadores para fazermos os investimentos de que necessitamos».

#### A SITUAÇÃO DOS CAMPONESES

«Os pequenos e médios proprietários do campo sabem muito bem quem é que é culpado da pobreza em que vivem.

Quando os camponeses vendem a batata a 6\$00 o kg e vão à cidade e a vêem vendida a 10\$00, os camponeses pobres e remediados sabem muito bem que não são os empregados de escritório nem os bancários, nem os funcionários públicos, nem os operários das fábricas que arrecadam a diferença e enriquecem com ela.

Quem enriquece à custa deles são os comerciantes e intermediários que compram barato no campo para vender caro na cidade».

Em seguida, Otelo referiu-se ao êxi-

to das colheitas no Alentejo, bem como à capacidade de trabalho dos trabalhadores alentejanos, os quais «foram durante o fascismo explorados pelos latifundiários humilhados pelos senhores das terras que os despediam a seu bel-prazer e, quando podiam, lhes violavam as mulheres e as filhas e, quando precisavam, as mandavam matar como fizeram a Catarina Eufémia».

#### OS PARTIDOS, OS ÓRGÃOS POPULARES DE BASE E A ECONOMIA

«Dizem que os órgãos populares de base são manipulados.

As vezes, os órgãos populares de base são manipulados pelos partidos.

Há algum tempo, os partidos de direita, os partidos dos donos das fábricas e dos senhores da terra, começaram também a manipular esses órgãos, impedindo-os de funcionar.

Os partidos de esquerda também cometeram erros muitas vezes.

Partidos que defendem (ou dizem defender) os interesses dos trabalhadores, tomaram decisões contra os órgãos populares de base.

Os partidos são necessários, mas não devem cometer esses erros. Estes erros desacreditam os órgãos populares de base e são prejudiciais para os trabalhadores».

Seguidamente Otelo abordou nestes termos a criação de uma nova ordem económica:

«A economia só estará ao serviço de todos os portugueses se os trabalhadores estiverem mobilizados e organizados (...), planeando a economia com base nos órgãos populares de base, com o apoio do Estado e dos técnicos.

Isto não é impossível. É possível!

Como é que se consegue pôr a economia ao serviço dos portugueses? É dando prioridade à agricultura.

E dando prioridade às indústrias que trabalham para a agricultura às indústrias que utilizam produtos do campo; é acabando com os intern diários, que compram barato no campo para venderem caro na cidade ajudando os camponeses a fazer cooperativas que lhes permitam vender os seus produtos na cidade (...).

É garantindo aos agricultores preços justos, garantindo-lhes que seus produtos serão comprados e pagos a tempo e a horas; é garantindo que as alfaias agrícolas serão baratas».

Otelo terminou o seu discurso deste memorável jornada fazendo um apelo para a UNIDADE POPULAR E A CONSTRUÇÃO

e a actualidade nacional

APOS CONFERENCIA DE IMPRENSA

# Otelo contacta com operários

Três significativas intervenções assinalaram publicamente, no final da passada semana, o regresso de Otelo Saraiva de Carvalho à cena política: Conferência de Imprensa (para anúncio formal da candidatura) e deslocações à Setenave e Lisnave.

No decorrer da conferência de Imprensa, e após proferir a declaração em que expôs os motivos e objectivos da sua candidatura (vide extractos mais abaixo), Otelo respondeu às perguntas que lhe foram feitas e que abordaram com mais destaque os seguintes temas:

- Motivos das críticas do PC (carta a Vasco Gonçalves e unicidade sindical)
- Situação das armas desviadas pelo capitão Fernandes.
- A sua actuação no 25 de Novembro.

Sendo Otelo alvo de diversas calúnias por parte de elementos responsáveis do PC (segundo os quais seria o ex-comandante do COPCON o principal responsável pela queda de Vasco Gonçalves e pelo 25 de Novembro), importa que os trabalhadores conheçam o que, de facto, se passou.

Assim, sobre a carta de Vasco Gonçalves, Otelo revelou tratar-se de uma carta pessoal e privada, cuja divulgação foi da inteira responsabilidade do Gabinete Político do então Primeiro Ministro.

Ora, como é publicamente sabido, o gabinete de Vasco Gonçalves era (infelizmente...) afecto à linha PCP/MDP. Portanto, quando se acusa Otelo de, por ter escrito a dita carta, ser o responsável na queda de Vasco Gonçalves está-se a colocar a realidade às avessas.

Paradoxalmente, a queda de Vasco Gonçalves é da responsabilidade do seu Gabinete Político! Até onde os levou o ódio àquilo a que se chamam «esquerdistas»...

Também sobre a questão da unicidade sindical, o ex-comandante do COPCON foi claro ao afirmar: «houve, de facto, quatro divergências mas nenhuma delas foi minha».

**AS ARMAS «EM BOAS MÃOS»**

A propósito das espingardas automáticas desviadas entre Beirolas e a Polícia Militar pelo capitão Fernandes — e que a direita fascista e a social-democracia acusam de serem utilizadas em assaltos, roubos e crimes — Otelo sublinhou que tem tido o cuidado de verificar que as armas apreendidas às diversas quadrilhas de assaltantes não são as que o capitão Fernandes desviou, o que é fácil de saber em virtude de qualquer arma de guerra ter um número de identificação.

Otelo afirmou ainda sobre este tema:

«O que eu disse foi que, uma vez que as armas tinham sido desviadas, se elas tivessem ido para o ELP ou MDLP, seria preocupante. Como o capitão Fernandes me garantia que elas estavam nas mãos de operários e camponeses, pois então, eu considerava que estavam em boas mãos».

De sublinhar que esta afirmação foi secundada por uma fortíssima salva de palmas.

**25 DE NOVEMBRO: ENORME MAQUINAÇÃO DA DIREITA**

Definindo o 25 de Novembro como um golpe destinado «a desviar o processo revolucionário da linha de pureza que as classes trabalhadoras e os militares generosos lhe imprimiram»,

Otelo revelou que, em 26 de Novembro, fora convidado para vice-chefe do Estado Maior General das Forças Armadas e adjunto do EMGFA, cargos que recusara por achar tal atitude incompatível com a existência de camaradas seus prisioneiros.

E acrescentou ainda: «Não vou apontar nomes, entrar em pormenores ou apontar responsáveis, pois tudo isto faz parte do segredo de justiça (...)

**Arquitectou-se um pretense golpe que não existiu. Sob minha palavra de honra que eu e os meus oficiais não tínhamos qualquer golpe preparado (...)**

Assim, quando responsáveis do PC (com o fim de levarem militantes de base a não apoiarem o candidato do Poder Popular e da Revolução Socialista) afirmam que Otelo traiu no 25 de Novembro, é preciso perguntar:

Otelo traiu o quê? O golpe do PC? Mas, havia ou não havia um golpe do PC? Se havia, porque motivo desmobilizou o PC os seus militantes na madrugada de 26?

Uma coisa é certa; se havia um golpe do PC Otelo não o conhecia

**«A crise e a ruptura entre as classes com interesses opostos serão inevitáveis. Uma certa «ordem» virá a ser exigida ao serviço da burguesia. Ai terão os militares que fazer a sua opção.»**

e, certamente que não ia «assinar de cruz»...

**LISNAVE E SETENAVE: NO MEIO DOS OPERÁRIOS**

«É em contacto com os trabalhadores que se revela a minha capacidade de diálogo. É aí que sei fazer política e ser eu próprio.

Dentro dos gabinetes, não me convidem».

Prova cabal do êxito daquilo que reconheceu serem as suas «aulas práticas», seriam as deslocações à Lisnave e à Setenave, onde o ex-comandante do COPCON foi rodeado por milhares de operários desejosos de dialogarem com ele.

Em qualquer dos estaleiros, Otelo realçou a necessidade absoluta que os operários têm em estar unidos, ultrapassando a divisão criada pelos partidos.

O facto de a totalidade dos operários (e também muitos trabalhadores do escritório) terem estado com Otelo de forma entusiástica e vibrante como o fizeram, é a certeza de que, por muito que isso custe aos responsáveis das organizações reformistas, a classe operária está com o candidato do Poder Popular.



Otelo tem na Setenave «duzentos apaniguados» diz a célula do PS na empresa, acompanhada de perto pela administração e pelo PC e aplaudida pelo «Diário». Os duzentos aí estão (apesar dos «cortes» na instalação sonora que obrigaram a usar megafone). Os «duzentos» fizeram uma apoteose e até pareciam milhares... de tal modo assustaram burgueses e traidores

**«O POVO ESPERA A COLABORAÇÃO DOS MILITARES REVOLUCIONÁRIOS»**

Durante a referida conferência de Imprensa, Otelo leu uma extensa declaração da qual salientamos os seguintes extractos:

«As palavras que vou proferir são dirigidas a todo o Povo Português, com uma preocupação muito grande

«Não poderei deixar de denunciar as arbitrariedades cometidas no 25 de Novembro. Centenas de camaradas foram afastados das suas funções sem provas de uma acção política ou militar contra os interesses dos trabalhadores e do Povo Português, e sem qualquer julgamento.

A história denunciará o 25 de Novembro como uma enorme maquiinação destinada a desviar o processo revolucionário da linha de pureza que as classes trabalhadoras e militares generosos e progressistas lhe imprimiram.

Não poderei deixar de denunciar a tentativa de algumas correntes políticas no sentido de recuperarem as Forças Armadas para actuações que não visam defender o nosso Povo» (...).

«Os militares não podem voltar a ser o joguete nas mãos dos novos senhores da política, marionetes para desfiles ou paradas, e muito menos polícias para proveito de meia dúzia de donos deste País.

Também não devemos reservar-nos para lugares de Administração Pública ou de empresas, pois não foi para tal que nos preparámos técnica e moralmente. O Povo com o qual fizemos uma aliança desde a madrugada do 25 de Abril, espera a colaboração das F.A.. Há herdades em todo o Portugal onde os trabalhadores precisam de apoio à sua organização, há inúmeras aldeias sem electricidade, sem água, sem esgotos, sem meios de comunicação, sem assistência sanitária. Há milhares de pequenos lavradores que precisam do nosso entusiasmo e da nossa disponibilidade para os ajudar nas suas cooperativas e no transporte dos produtos, de modo a retirá-los das garras dos especuladores e parasitas. Há ainda milhares de portugueses que vivem em barracas nas cinturas das nossas grandes cidades

em relação aos mais destavorecidos, e aos meus camaradas das Forças Armadas.

Falo ainda muito especialmente para as organizações populares de base que, com a força da sua movimentação através de todo o País do Norte ao Sul, uniram os trabalhadores das fábricas e dos campos, levando-os a exigir a minha candidatura, e ultrapassando as considerações pessoais das vantagens e dos inconvenientes que daí resultavam.»

E o ex-comandante do COPCON continuou:

«Dois anos se passaram, muitos ricos de ensinamentos e de experiências. Temos a consciência de que os trabalhadores e o Povo Português ganharam alguma coisa com o 25 de Abril. Mas também temos a convicção de que se alguma coisa foi feita, muito mais está por fazer, muitos erros estão ainda por corrigir, muitas injustiças estão ainda por reparar.»

«Após referir que o MFA quis que fossem os políticos a resolver os problemas, mas que «estes parecem ter estado mais interessados nas disputas do poder do que na melhoria de condições de vida do nosso Povo», Otelo prosseguiu:



# TRANSITÁRIOS EM GREVE

Os Trabalhadores das Agências de Navegação, Transitários e Tráfego estão em luta pela obtenção de um C. C. T. único para a classe.

O processo de luta que agora tomou a forma de greve geral, já se arrasta desde 1975, tendo o patronato reaccionário recorrido a mentiras, a deturpações e recusando-se a negociar as cláusulas do C. C. T. que representam as mais justas reivindicações dos trabalhadores e que são entre outras:

Doença, pensão por morte de trabalhador, tabela salarial, previdência e abono de família, pensão de reforma, diuturnidades, etc.

O patronato reaccionário tem tentado por todos os meios de que dispõe inculpar os trabalhadores deste País do descalabro económico em que nos encontramos, e também no nosso sector isso tem sido tentado, fazendo crer que a crise que se atravessa é devida aos trabalhadores, esquecendo-se dos lucros fabulosos que sempre obtiveram antes e depois do 25 de Abril, à custa do suor das classes trabalhadoras.

As associações patronais com o impasse criado esperam naturalmente melhores dias para então ditarem as

suas leis que tão bem conhecemos, pois todos nós trabalhadores sentimos na carne toda uma vida de exploração e opressão e por isso nos anima a força indomável de vencer mais esta batalha que será decisiva para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna onde seja banida de uma vez para sempre a exploração capitalista.

Dos três sectores em luta por um C. C. T. único, apenas o dos Agentes de Navegação têm contracto que data de 1972 e que não traduz, como é óbvio, as justas aspirações dos trabalhadores para fazer face ao brutal aumento do custo de vida, à miséria e ao desemprego, pelo facto de ter sido negociado ainda no tempo da ditadura fascista.

O patronato ao recusar o diálogo, é o único responsável pela agudização do conflito que levou a esta paralização que afecta e agrava a crise económica que o país atravessa.

Apesar das tentativas havidas por indivíduos a soldo do patronato reaccionário, que incitaram trabalhadores de algumas empresas a fruar a greve, aceitando com o papão da falência e com o desemprego para os trabalhadores,

a classe soube responder a esses laiaços do capitalismo, que tentam arrastar os trabalhadores a uma traição à sua própria luta, com a unidade e coesão para levar por diante esta luta que é justa.

Em plenário de trabalhadores realizado em 31 p.p. foi analisada a possibilidade de reatar as negociações e a sugestão de arbitragem proposta pelo Ministério do Trabalho, (leia-se Corporações), sendo esta rejeitada e aprovada a proposta da Comissão de Luta no sentido de propor o reinício das negociações com os representantes do patronato, que a isso estiverem dispostos, ficando os Agentes Transitários vinculados às decisões que eventualmente venham a ser tomadas, outro ponto importante seria o pagamento por inteiro dos dias de greve pela entidade patronal.

Foi ainda aprovada uma moção a enviar aos órgãos da comunicação social no sentido de apoiar as justas lutas de todos os trabalhadores e de repúdio pela actuação fascista da G. N. R. e P. S. P. ao serviço do grande capital, que reprime brutalmente a justa luta dos explorados por uma sociedade melhor ao serviço de todo o povo trabalhador.

## RAC-OEIRAS

### SUV APOIAM OTELO

Do núcleo SUV do RAC (Regimento de Artilharia de Costa) recebemos com pedido de publicação o seguinte comunicado:

Neste período de eleições presidenciais, o capitalismo e a burguesia através dos órgãos da comunicação social que controlam — jornais, rádio e televisão — e dos seus pontos de lança como Vasco Lourenço, tentam fazer-nos autênticas lavagens ao cérebro, elogiando as virtudes do candidato por eles escolhido, o fascista Eanes.

Como se nós, soldados, e todos os trabalhadores ignorássemos as vir-

tudes do fascista Eanes.

Se não vejamos a «democracia» deste senhor:

Acabou-nos com os plenários e com a nossa organização, dividiu-nos as messes, proibiu-nos de sair à civil, encurtounos o fim-de-semana, mandou prender e sanear centenas de camaradas nossos, quer soldados quer oficiais e sargentos revolucionários, ao mesmo tempo que reorganiza as Forças Armadas com mercenários, armou a PSP e a GNR e formou de novo a milícia de choque.

Tudo isto para quê?

Seria esta a democracia por ele

apregoadá?

Desde o 25 de Novembro, a prática dele e destas forças por ele comandadas — uma prática fascista — é, em si, uma resposta!

Camaradas! Os trabalhadores já encontraram Otelos como seu candidato, aquele que sempre se identificou com eles através de uma prática revolucionária em defesa dos seus interesses.

E nós, camaradas, trabalhadores fardados, que estamos sempre ao lado dos trabalhadores, também já o escolhemos, não só porque na prática demonstrou estar ao lado dos trabalhadores e soldados, mas também porque é um inimigo perigoso da burguesia e esta sabe-o tão bem como nós que confrontar-se com Otelos é confrontar-se com os trabalhadores fardados ou não!

Por isso apoiamos Otelos Saraiva de Carvalho como candidato do poder popular.

Mas atenção camaradas, o nosso apoio, não pode residir em aclamá-lo apenas, mas transformar a movimentação unitária de base em torno do Otelos, numa forte organização de trabalhadores e soldados capaz de se confrontar com a burguesia.

Otelos como presidente, só por si, não resolve os nossos problemas, nem tão pouco meterá os reaccionários no Campo Pequeno, mas há-de ser a forte organização unitária de trabalhadores e soldados que expulsará os reaccionários dos quartéis assim como das fábricas, ou onde quer que se encontrem sob a capa de democratas ou reformistas.

Camaradas! Por isso temos que nos organizar em núcleo SUV para que este seja efectivamente uma organização forte capaz de expulsar os reaccionários dos quartéis, para então impormos a nossa vontade e a vontade da classe operária.

## Otelos contacta com operários

Continuação da pág. 8

des, que precisam do nosso apoio em máquinas e em braços, pois o problema da habitação só na conversa balofa dos políticos estará resolvido nos próximos anos. Do Minho ao Algarve, na Madeira e nos Açores há dificuldades de comunicação que impedem o transporte de doentes ou sinistrados, há a defesa das populações contra o terrorismo e a delinquência crescentes. Essas são as tarefas que temos de apoiar, colaborando com as forças militarizadas.»

«A caminhada para a sociedade socialista é longa e exige a mobilização de todos os trabalhadores. A transição para uma sociedade socialista que havemos de construir, requer que seja aprofundada e desenvolvida a prática democrática nas organizações populares de base, nas Comissões de Trabalhadores, nas Comissões de Moradores, nos Conselhos de

Aldeia, nas Cooperativas e Associações.» (...)

«A crise e a ruptura entre as classes com interesses opostos serão inevitáveis. Uma certa «ordem» virá a ser exigida ao serviço da burguesia. Aí teremos de fazer os militares a sua opção.» (...)

«Batemo-nos por umas Forças Armadas, onde reina a ordem e a disciplina, mas uma ordem e uma disciplina postas ao serviço das necessidades dos mais humildes, como sempre se fez no COPCON, e não uma ordem e uma disciplina que constituam pretextos para reprimir os trabalhadores.»

Continuarei com a vossa ajuda a mesma política no longo caminho para a construção de uma sociedade socialista, isto é, duma sociedade mais justa sem exploradores nem explorados, uma sociedade que os trabalhadores e o povo português ambicionam e merecem.»

## Luta dos Trabalhadores

### MADEIREIROS

Foi suspensa a greve, tal como estava previsto nas diversas formas a adoptar para a continuação da luta. Neste momento, os trabalhadores vão efectuar plenários, em vários pontos do país, para analisar o andamento das negociações, sendo o principal ponto de discórdia os 30 dias de férias que os trabalhadores exigem.

### RETALHISTAS

Decidiram suspender a greve num plenário realizado no passado sábado, até à próxima quinta-feira. Para esta decisão os trabalhadores consideraram a actuação das forças policiais e a recusa do patronato em negociar podendo, no entanto, conseguir do Ministério do Trabalho, a garantia de publicação de uma portaria da parte do CCT não negociada.

### I.N.E.

A greve progressiva tem continuado tendo, na passada segunda-feira de manhã, os trabalhadores paralizado totalmente, e terça-feira entrado em greve geral até à resolução do problema. As suas reivindicações são o subsídio de almoço e a reintegração de trabalhadores que prestaram serviço militar.

### TRABALHADORES DE LIMPEZA

Efectuou-se uma reunião no sindicato dos Trabalhadores dos Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares, para discussão dos problemas concretos dos trabalhadores da limpeza, salientando-se a necessidade de «regulamentação» de trabalho do pessoal de limpeza ao serviço das empresas prestadoras de Serviço de Limpeza.»

### CERVEJAS

Os trabalhadores das fábricas de Vialonga e do Catujal pertencentes à Sociedade Central de Cervejas, entraram em greve. A garantia de escolha da carreira profissional, a melhoria dos salários mais baixos e consequente equilíbrio das remunerações, são algumas das reivindicações. Os trabalhadores, num seu comunicado, afirmam ainda que «Antes do 25 de Abril, o sector pertencia a meia dúzia de pessoas. Depois, e por exigência dos trabalhadores, foi nacionalizado. Se era rendível, continuou a ser. Só que os trabalhadores continuam sem ver os seus principais problemas resolvidos.»

### COMÉRCIO AUTOMÓVEL

Os trabalhadores do Porto e Coimbra entraram em greve para pressionar o patronato a aceitar a sua proposta — diuturnidades, retroactivos, tabela salarial, promoções e vida sindical nas empresas. Lisboa rejeitaram, em plenário, a proposta de greve geral.

e a actualidade nacional

# OS DA FILA DE TRÁS

Nas sessões de esclarecimento do PRP aparecem com frequência «os da fila de trás».

Conhecem-se pelo ar de intrusos envergonhados, pelos cochichos, pelas saídas e entradas em ar de conspiração. Pelo sorriso de ironia imbecil que mal disfarça a sua habitual incapacidade...

Esse sorriso assemelha-se à expressão que é conhecida toda a gente que andou pela vida fora: estava estampada na cara de alguns matulões que se conheceram na escola e que, impossibilitados de compreender as letras e contas, enveredam por esse sorriso de desdém.

É a mesma expressão dos mediocres, que no trabalho não fazem nada e desprezam os que fazem. É o sorrisinho provocador dos que desdenham os que se batem por ideias, preferindo eles entrar sempre à sombra de qualquer coisa. É o mesmo sorriso dos filhos de família que não fazem nada, mas bebem copos e rebentam automóveis.

É este é o retrato dos da «fila de trás», que uma mãozinha manipuladora se encarrega de sentar nas

nossas sessões de esclarecimento.

A história da sua actuação desde pós-25 de Abril é longa... mas nós temos-la gravada. Fizeram sempre o que puderam para sabotar, para boicotar.

Neste momento, estão «de bola baixa» como se diz por aí, porque a vida corre-lhes mal. Mas empre vão aparecendo.

Pensar-se-a que são um grupo de direita. Mas não.

Esses donos do sorrisinho imbecil, esses provocadores, esses agentes de provocação concertados entre si e com forças exteriores são de um partido dito de esquerda. Recebem ordens de funcionários que entram e saem da sala. Fazem parte do aparelho reformista.

Conhecemo-los em cada terra. Sabemos do seu passado a maior parte das vezes duvidoso.

Percebemos há muito que para «recuperar» se põem à sombra de um partido que se vangloria de ter sido o «melhor», o mais «torturado», o mais «sacrificado». Anos e anos de

testemunho atestam por essa gente «da fila de trás» como se fosse uma taça de campeonato. Taça que eles não ganharam, já se vê... mas à sombra da qual querem jogar.

Os da fila de trás... São os mais mediocres. São os mais provocadores. São os mais alheios à unidade e aos interesses dos trabalhadores. São os reformistas. São os marionetes de interesses anónimos, que têm que ver com forças exteriores.

São os da fila de trás. São os da retaguarda... São os que dizem que Otelo é «traidor».

Mas são aqueles que «não hostilizam» Eanes...

## ESCLARECIMENTO

Acerca dos artigos publicados no «Revolução» onde se afirma que na Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata, se tinha aprovado uma moção de apoio à candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho, em plenário, pede-se que seja feita a devida rectificação, uma vez que só a verdade é revolucionária.

O que se passou na verdade, foi que em plenários por sector, foi aprovada uma moção exigindo que Otelo se candidatasse à Presidência da República, tendo posteriormente a Comissão de Trabalhadores entregue a moção a Otelo.

Braço de Prata, 31 de Março de 1976  
Célula do PRP da FMBP

## O PRP E O PODER POPULAR

Continuação da pag. 2

zio, já que ao falar do poder revolucionário nascido da insurreição, e da gestão colectiva da economia, o livro não se refere aos conselhos revolucionários.

De facto, a composição deste poder revolucionário não é defendida, o que dá origem à confusão entre poder revolucionário (que não sabemos como nasce nem por quem é formado) e ditadura do proletariado. «Também sabemos onde é que há organização autónoma dos trabalhadores e onde é que não há; quando num poder de transição SE FORAM BUSCAR delegados do Poder Popular, eles só poderão vir de onde este existir. Não há pois dúvidas de quem tomará as rédeas do poder será o proletariado industrial» (p. 50, sublinhado meu). A questão está em saber se esses elementos do Poder Popular estão no Governo de transição porque foram mandatados (eleitos) para isso pela classe, ou se estão no Governo porque «foram buscados» pelas cúpulas ao nível do poder para fazerem parte desse governo. Trata-se enfim de saber se a classe controla (pela eleição e revogabilidade permanente) o poder de transição ou não. Só no primeiro caso se pode falar em ditadura do proletariado, em proletariado no poder.

Quanto à gestão colectiva e à planificação socialista da economia, parece-me que o livro não é muito claro sobre isso. Gestão colectiva exercida por meio de que estruturas políticas? O livro não especifica. Planificação socialista da

economia exercida por quem e por meio de que estruturas políticas? O livro também não especifica. Fala-se de «gestão colectiva no sentido de encontrar novas soluções» (p. 50), mas os conselhos revolucionários nunca são referidos. É o que se pode ver nas páginas 7, 11, 23, 50, 53, 54 e 55. Isto pode dar ideia de que o PRP já não põe a questão como a pós quando fez a proposta dos CRTSM, em Abril de 75. Não quero dizer com isto que o PRP mudou as suas concepções teóricas e a sua estratégia política. O que agora faço é chamar a atenção para o pouco cuidado com que, na minha opinião, o PRP tem ultimamente tratado certas questões políticas importantes.

Viva o poder dos conselhos revolucionários!  
Viva o comunismo!

R. A.

**Camarada:**  
Falou na «vaga forma do Poder Popular...» Na verdade, acabámos por aceitar esta designação quando nos referimos à organização autónoma dos trabalhadores, «por herança da história recente do Chile e das ex-colónias portuguesas» tal como dizemos no nosso Manifesto «Contra a Guerra Civil — Insurreição armada» (pág. 22). A expressão não significa «o proletariado no poder» mas sim as formas de organização autónoma do proletariado que visam o poder. Adoptando essa expressão mostramos não fazer fínacpe na nossa linguagem, mas adoptar a dos outros, se necessário for, para bom entendimento. Curiosamente, neste momento, nenhuma organização política quer ouvir falar em Poder Popular excepto nós, como se tivessem vergo-

nhia de falar em poder. Problemas da pequena burguesia...

De modo que a expressão Poder Popular, que era uma concessão da nossa parte, transformou-se num bastião da luta pelo poder dos trabalhadores! E dá-se esta coisa engraçada de sermos nós que nos batemos por ela e serem outros que até têm um jornal com esse nome. Se eles pudessem apagar o cabeçalho!

Simbolo ou não, Poder Popular, tem neste momento um significado, um valor. Mas tens toda a razão no que diz respeito à expressão «Populares» «Povo» etc, que não define classe nenhuma, mas uma amalgama. Seja o «Bom povo» do Spínola seja o «Povo todo» dos maoístas, cada um vê nessa palavra o sentido que quer com o oportunismo que quer.

Mas serão as palavras a batalha principal? Julgamos que não. A organização autónoma dos trabalhadores (Poder Popular, organização popular de base, como se queira) é o facto mais importante da organização dos trabalhadores durante estes dois anos. Temos o orgulho de ter falado nela antes do 25 de Abril em Portugal o Poder ou será tomado pela organização autónoma dos trabalhadores ou não será. Isto não pelos bonitos olhos dos portugueses mas porque há determinadas condições objectivas.

E daqui em diante, cada revolução socialista será cada vez menos stalinista e mais conselhista. Ou não estivesse o proletariado cada vez mais desenvolvido.

Esta é a nossa convicção, R. A. Mas para que este projecto se torne uma prática, é necessária muita militância, muita luta. Neste momento, a grande luta (também da organização autónoma) é pela candidatura de Otelo.  
Saudações revolucionárias.

## As preocupações do Dr. Zenha

Salgado Zenha, ministro das Finanças do VI Governo e destacado dirigente do PS, parece estar preocupado com a situação económica do País.

Após ter gritado aos quatro ventos não haver motivo para alarme (estávamos, então, em vésperas das eleições Legislativas...), Zenha vem agora dizer-nos que «o VI Governo não governa» e que, nas próximas três ou quatro semanas é absolutamente necessário que se contraíam novos empréstimos!

Deste modo, a social-democracia reconhece-se incompetente na gerência, mesmo em termos capitalistas, dos negócios que respeitam os interesses dos trabalhadores portugueses. Mas Zenha disse mais:

«Não se pode continuar a gastar gasolina em fins de semana em passeios dos mais variados. (...) Sou partidário de que, num prazo breve, nos fins de semana, todos os automóveis não possam circular».

O que pretenderá Salgado Zenha com uma medida de austeridade desta natureza?  
Os trabalhadores só acatarão medidas impopulares como esta se souberem que isso os beneficia, o que só pode acontecer numa sociedade em que sejam os trabalhadores a deter o Poder. Neste momento, quando a social-democracia tenta desesperadamente aguentar-se no desmoronar do regime capitalista, empréstimos contraídos no estrangeiro (e em que estrangeiro!) só servem para agravar a dependência de Portugal ao imperialismo americano e ao sub-imperialismo europeu.

Finalmente, e se mais provas fossem necessárias da inépcia da social-democracia em Portugal, atentemos neste apontamento: nos dois primeiros meses de 1976 houve menos turistas que em Janeiro e Fevereiro de 1975! Isto parece querer dizer que as tais divisas que Campino garantia através do turismo vindo dos países social-democratas se estão a evaporar...

Como vemos, a social-democracia, em Portugal, não é, neste momento, a gestora ideal dos negócios da burguesia, razão pela qual os fascistas lhe querem já dar um chuto...

## A CANDIDATURA DA DIVISÃO

Continuação da pag. 4

será imparável e que com ele serão cilindrados todos os reformismos e todas as conciliações. E Octávio Pato que hipótese tem de ganhar? Que unidade dos trabalhadores pode originar uma candidatura partidária como a de Octávio Pato?

Octávio Pato não tem hipóteses numerosas de ganhar e a possibilidade de retirar a sua candidatura é cada vez mais provável pois, Octávio Pato terá muito menos votos dos que o PC teve nas anteriores eleições e Otelo, a candidatura que tanto se esforçaram

por combater, tem cada vez mais hipóteses, pois criou à sua volta a unidade dos trabalhadores.

Quando dezenas de milhares de trabalhadores se unem no Porto, quando plenários de empresas apoiam Otelo, quando por todo o País um grande movimento unitário dos trabalhadores se levanta em torno da candidatura de Otelo, quem é que está a fazer a divisão dos trabalhadores? O movimento dos trabalhadores tem que ultrapassar as divisões, tem que lutar contra o reformismo, contra a conciliação para poder reforçar a sua unidade revolucionária e organização.

## ANGOLA

## "REVOLTA ACTIVA"

## —ELEMENTOS DE ANÁLISE POLÍTICA

Ao longo das últimas semanas os órgãos de comunicação referiram-se diversas vezes a problemas existentes em Angola a propósito das divergências entre o MPLA e a Revolta Activa. Por se tratar duma questão cuja compreensão julgamos ser importante, reproduzimos um texto que o CIDAC (Centro de Informação Anti-Colonial) emitiu a esse propósito:

A situação em Angola é extremamente delicada e complexa, pelo que não é fácil conseguir, sobretudo do exterior, uma análise e uma avaliação inteiramente satisfatórias. Todavia é possível e mesmo necessário enquadrar politicamente alguns dos factos agora em foco, nomeadamente tentar um esclarecimento político acerca do papel desempenhado pela Revolta Activa na História recente de Angola. Seremos levados a concluir que esse papel foi gravemente negativo e que os erros políticos cometidos por esse grupo custaram demasiado caro ao povo angolano.

O 25 de Abril surpreendeu o MPLA num período de relativa fraqueza. As dificuldades na definição de uma linha política tinham-se refletido no próprio terreno da guerrilha, a situação militar era desfavorável, e verificavam-se profundas divergências entre a Direcção do Movimento e o Comando da Frente Leste chefiado por Daniel Chipenda. Nessa mesma altura, mais concretamente em 11 de Maio de 1974, é tornado público através da imprensa europeia um «apelo» assinado por 19 militantes e quadros do MPLA que se constituíram em Revolta Activa e que propunham a realização de um Congresso do Movimento, atacando severamente o fenómeno de «presidencialismo» no MPLA. Para além deste termo, era inequívoco que o grupo contestava o Presidente Agostinho Neto e a direcção por ele conduzida. Vemos assim que num processo decisivo de libertação nacional, quando, mais que nunca, o MPLA se deveria apresentar coeso a fim de assumir as suas responsabilidades históricas de único movimento de libertação de Angola, ele aparece dividido em tendências que mais tarde cristalizariam em duas crises. O Congresso reuniu-se em Lusaka em Agosto desse ano e aí, em vez da indispensável unidade, surge o endurecimento de posições. A Revolta Activa procura arbitrar em seu favor o conflito que opunha Chipenda a Neto, esse mesmo Chipenda que pouco depois se haveria de desmascarar politicamente ingressando nas hostes reacçãoárias da FNLA. Composta predominantemente por intelectuais desligados da luta mas com ambições de poder, a Revolta Activa contribuiu para cavar o divisionismo no interior do MPLA. Mesmo que fossem justas as questões levantadas, elas deveriam ser re-

solvidas através do debate interno e nunca por uma oposição exterior e afrontosa. As consequências deste erro foram incalculáveis: divisão do MPLA, os seus inimigos ganharam tempo; enquanto as cúpulas do MPLA discutem, a FNLA e a UNITA procuram afirmar-se política e militarmente. Daí resultaram as cedências a que o MPLA se viu obrigado e que culminaram no Acordo do Alvor.

Após este Acordo e durante o governo de transição a UNITA coloca-se numa atitude de sistemática aliança com a FNLA contra o MPLA. Graças à figura carismática de Savimbi que explorava habilmente sentimentos tribais e que alienava os colonos reacçãoários, a UNITA, apoiada pelas potências capitalistas europeias, consegue alguma popularidade apresentando-se como a alternativa moderada. Essa UNITA, que começou por não ser nada, mas apenas uma criação do exército colonial e da PIDE para servir de tampão ao MPLA, essa UNITA que à pressa fora reconhecida como «movimento de libertação» nas vésperas do Alvor, também ela viria mais tarde a deixar cair a máscara ao dar cobertura à invasão estrangeira aliado-se à agressão sul-africana. Pois foi com essa mesmo UNITA que os elementos da Revolta Activa preconizavam a conciliação, propondo-se como grupo carneira, como mediadores «indispensáveis» entre o MPLA e os agentes do imperialismo.

Entretanto a maioria esmagadora do povo angolano lutava corajosamente, unida em torno do MPLA e do Presidente Agostinho Neto, provando que o divisionismo que atingira o Movimento era essencialmente um fenómeno de elite, sem repercussão nas massas populares. Enquanto o povo conduzido pelo MPLA trava a batalha de Luanda e libertava a cidade, quando lançava a resistência popular generalizada, quando proclamava a independência em 11 de Novembro e quando repelia vitoriosamente a múltipla agressão imperialista, os «militantes e quadros» da Revolta Activa mantinham-se criticamente fora da luta. Neste combate decisivo a neutralidade era sempre impossível. Ao marginalizar-se da segunda guerra de libertação nacional, a Revolta Activa perdeu qualquer legitimidade para se apresentar como força nacionalista representativa, por maior que seja o passado de resistência dos seus membros.

Uma vez libertado o território nacional, consolidada a vitória político-militar do MPLA e consumado o reconhecimento internacional da República Popular de Angola, um novo e insidioso divisionismo se manifesta nas próprias fileiras progressistas. Surgem fenómenos de esquerdismo com origem em sectores estudantis europeizados, que azem ir e compreender os objectivos justos em cada etapa da luta. Aparece uma nova oposição interna no MPLA catalizada pela Organização Comunista de Angola e, mais uma vez, à Revolta Activa ou, pelo menos, a alguns dos seus elementos são atribuídas ligações a esses mesmos sectores da oposição.

Em suma, ao longo de dois anos e em circunstâncias decisivas, o grupo da Revolta Activa colocou-se sempre do lado errado, seja com a Revolta do Leste, seja com a UNITA, seja com a OCA. A procura de um apoio que não tinha e em busca de uma base popular que lhe faltava, acabou por se situar sempre do lado oposto às massas angolanas e ao MPLA.

Surge um grupo sem homogeneidade ideológica, pois que nele coexistem posições «moderadas» e «radicais», a Revolta Activa tem-se caracterizado por uma intervenção política que, objectivamente, tem servido os desígnios do inimigo directo do povo angolano: o capitalismo internacional. Este facto é claramente apreendido pelos combatentes do MPLA e pelas massas em geral, ao ponto de haver no interior do Movimento uma forte resistência às tentativas de reintegração dos elementos da Revolta Activa sem autocritica prévia. Com efeito, por diversas vezes se realizaram conversações entre as instâncias superiores do MPLA e a Revolta Activa no sentido de superar as divergências e o malogro dessas mesmas conversações explica-se justamente pela pressão das bases que reagem fortemente contra as atitudes divisionistas.

Alguns dos militantes da Revolta Activa estão agora na prisão. Só ao Governo da República Popular de Angola e ao povo que ele representa compete julgar se essa forma de repressão constitui a melhor maneira de eliminar as divisões e de impedir o alastrar de ideias erradas. Pela nossa parte consideramos importante que tudo seja esclarecido, não só para clarificar o debate político acerca dessas questões, como ainda para retirar aos inimigos do pretexto para especulações e calúnias.

Centro de Informação  
 e Documentação Anti-Colonial  
 Lisboa, 15 de Maio de 1976

## COMÍCIO DE SOLIDARIEDADE COM A LUTA DO POVO BRASILEIRO

O Comité pro-amnistia geral no Brasil convoca um comício para hoje, na Aula Magna da Reitoria em homenagem ao Capelão António Henrique Pereira Neto, auxiliar de D. Hélder Câmara e assassinado pelas forças repressivas da ditadura militar brasileira em 1969.

O Padre António Henriques era muito conhecido nos meios universitários do Recife pelo apoio que dispensava às lutas estudantis, pela Reforma Universitária e pelas suas posições contra os acordos estabelecidos com os organismos de ajuda norte-americanos (Acordo M.E.C. — U.S.A.I.D.) que colocavam as universidades ao serviço dos grandes industriais.

O Comunicado do Comité pro-amnistia no Brasil acentua que «para conter esse amplo movimento, a Ditadura intensificou a repressão às reuniões estudantis a ponto de assassinar no dia 28 de Março de 1968 num restaurante universitário do Rio de Janeiro, o estudante Edson Luís Souto. Desde então as denúncias e os protestos redobram, deixando cada vez mais os recintos académicos para se transformarem num amplo movimento popular que obrigou o regime, oito meses depois, a anular a Constituição, que fabricara, através de um novo

acto Institucional, o número 5».

«A repressão foi intensificada visando impedir o retomar das lutas. A polícia política passou a enquadrar quase abertamente a actividade das organizações para-militares como o MAC (Movimento anti-comunista) e o CCC (Comando de caça aos comunistas)».

«No aniversário do assassinio de Edson Luís, dia 28 de Março de 1969, o padre Henrique celebrou uma missa em sua memória. Desde então, passou a ser odiado e perseguido pelos esbirros da Ditadura, recebendo insistentes ameaças de morte, uma delas feita à luz do dia por Jeronimo Gibson, conhecido fascista e familiar do Delegado de policia Bartolomeu Gibson.»

«Durante os dois meses que se seguiram, as organizações fascistas «clandestinas» procuraram aterrorizar as forças progressistas da cidade. Passaram das ameaças aos atentados contra os prédios da Arquidiocese, chegando a metralhar o estudante Candido Pinto de Melo, que ficou inválido.»

«Alguns dias depois, na manhã do dia 27 de Maio de 1969, com marcas de sevizias que chegaram, inclusiv, à castração, foi encontra-

do, num terreno baldio da Cidade Universitária, o corpo do «padre Henrique».

É de recordar que os anos de 1967 a 1969 se deu o reforço das organizações de esquerda revolucionária, as aréves em S. Paulo, e as acções guerrilheiras. A esquerda revolucionária nascida das crises com o PCB, nas movimentações estudantis que atingiram fortes proporções e nos movimentos grevistas de Osasco e Contagem sofreu nos anos seguintes fortes reveses, devido a repressão violenta desencadeada pelos militares brasileiros accorçados pelos norte-americanos.

Hoje, no movimento revolucionário, e na classe operária, a contestação à ditadura, a luta pelas liberdades democráticas, começa a revigorar no sentido da derubada da ditadura e o fortalecimento da esquerda revolucionária, da organização autónoma da classe operária, pelo direito de manifestação, reunião e organização.

A solidariedade anti-fascistas com os companheiros brasileiros, a lembrança dos mártires do movimento revolucionário que lutaram contra a Ditadura e entregaram muitas vezes a vida pela causa revolucionária é imprescindível para o revigoração da luta do povo brasileiro.

COLUNA  
INTERNACIONAL

Continua desaparecido Edgardo Henriques, fundador e membro da Comissão Política do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR).

Edgardo Henriques caiu nas mãos da repressão na Argentina, vinte dias depois do golpe militar reacçãoário. A repressão intensificou-se depois da tomada do poder pelos militares colaboracionistas com as ditaduras militares latino-americanas e partidárias de um governo pro-imperialista. A classe operária e a sua vanguarda revolucionária foram o alvo principal do golpe. Houve muitas detenções nas fábricas e assassinatos de militantes sindicais de base. Neste momento, é fundamental desenvolver uma ampla solidariedade revolucionária com o os companheiros presos e com os que resistem às ditaduras militares na América Latina.

«O Imperialismo norte-americano insiste na retirada das tropas» revolucionárias cubanas de Angola. Kissinger exige «provas da retirada dos combatentes cubanos». Não esqueçamos um pequeno detalhe que não foi sequer comentado pela imprensa portuguesa: Os cubanos retiram-se vitoriosos, depois da conquista do poder em Angola pela vanguarda do povo angolano, o MPLA.

Os americanos fugiram como ratos do Vietnam depois de tentar esmagar a heróica resistência do povo vietnamita. Durante vários anos exigimos as retiradas das tropas americanas do Vietnam, porém somente saíram quando expulsos. O mesmo sucedeu com as forças imperialistas que intervieram em Angola, o exército do Zaire e o da África do Sul, a soldo do imperialismo norte-americano foram mais uma vez derrotados. E se os E.U.A. «exigem a retirada das tropas» e porque se sentem incomodados. Porque? Para mais uma vez tentar deitar a mão na R.P.A.!

«50.000 pessoas participaram numa manifestação política em Madrid. O festival folclórico convocado pela FACUM (Federação de Associações Culturais da Universidade de Madrid) foi boicotado pelas dificuldades em obter autorização e transformou-se num autêntico comício político, com a presença de cantores revolucionários, galegos, bascos, catalães etc. e inclusive portugueses (Vitorino e Fausto) e contou ainda com a participação de militantes de várias organizações revolucionárias espanholas.

Foi entoada «Grandola Vila Morena» pelos milhares de manifestantes presentes em sinal de solidariedade com a luta que desenvolve o povo português.

«Seis intelectuais católicos concorrem nas próximas eleições de Junho nas listas do Partido Comunista Italiano. Um deles, declarou que tomou a decisão depois da «iniciativa do PCI no sentido de formar um grupo independente com um certo «impacto» e «unidade». Entre eles encontra-se o ex-director do «Popolo» jornal da Democracia-Cristã que referindo-se ao PCI afirmou que «é um grande partido, no qual militam muitos jovens, jovens que nos ouvem, pessoas com quem trocamos aos domingos o beijo da paz». E logicamente, o «beijo» que os dirigentes do PCI ainda não conseguiram trocar com os dirigentes reacçãoários da Democracia-Cristã e que em Portugal se traduz no «beijo» que Octávio Pato busca por todos meios assentar nas bochechas do Dr. Mário Soares. Enfim, e o «beijo» da traição à classe operária.

«Os dirigentes do Partido Baas da Síria entregaram-se a uma guerra de extermínio contra a resistência palestina no Líbano, numa repetição do massacre dos palestinos na Jordânia, em Setembro de 1970», anunciou o diário cairota «Al Akhbar». O Exército Jordano, que expulsou os guerrilheiros palestinos da Jordânia em 1971, desenvolve hoje operações no sentido de destruir as forças palestinas. O mesmo jornal afirma que a Síria decidiu levar a cabo a «destruição da Fatah e do derrube de Arafat» em «pagamento da promessa israelita de não intervenção no Líbano, depois da entrada das forças Sírias».

«Na passada terça-feira registaram-se violentos combates entre forças palestinas no porto libanês de Sidon. O recontra deve-se às incitativas das forças de esquerda palestina contra a intervenção da Síria, de quem a organização Saika recebe ordens. O enfrentamento começou entre os palestinos pro-sírios da organização Saika e os guerrilheiros «Al Fatah» e da «Frente de Resistência», aliá esquerda. A esquerda libanesa exige euq a Síria retire o seu comando do Líbano pois está em jogo a Revolução Palestina ou a «vietnamização» do conflito.

# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

## EDITORIAL

Um acontecimento inesquecível marcou o fim-de-semana — o comício de Oteló no Porto. Comício esse que foi muito penos marcado pelo que se disse e muito mais pelo que se fez e se viu, ao longo desse percurso apoteótico que foi de Santa Apolónia até à Avenida dos Aliados.

Passando por terras de camponeses, de ferroviários, de metalúrgicos, transpondo a fronteira entre o sul e o norte, Oteló quebrou a fatalidade do «norte reaccionário» e recebeu o apelo caloroso das populações mais diversas.

Muitos não esperariam a grandiosidade da manifestação do Porto, nem o entusiasmo da multidão. São os que ainda não perceberam o que significa a candidatura de Oteló como gerador da movimentação de massas. O movimento de massas que não tem nada a ver com os partidos que apoiam Oteló, mas que tem a ver com a sede dos explorados e oprimidos na esperança de melhores dias. De igual modo Delgado gerou esse movimento de massas, o qual ultrapassou de longe aquilo que se desenhava inicialmente para a sua candidatura, no campo demasiado marcado pelas «estrelas de general».

Mas já a Setenave e a Lisnave faziam advinhar bem o que o Porto veio mostrar. A apoteose que teve lugar nessas duas empresas mostrou a adesão ao Oteló das largas massas operárias. E para quem viu o que foram essas recepções, como se protesta contra a visita e se diz que o Oteló tem apenas «duzentos apaniguados» na empresa? Como será tolerado o comunicado da Comissão de Trabalhadores, largamente ultrapassada nos acontecimentos e fazendo coro com a administração? Como será tolerado o constante veneno dos jornais reformistas, que se fazem eco dos protestos da administração?

Tais atitudes do PS, das administrações e dos reformistas mais não são do que atitudes de desespero perante o êxito crescente de Oteló. Êxito crescente, que arrasta as bases do PS e do PC as quais deixam de perceber as razões de conveniência do seu partido e ouvem antes as razões da sua classe. No comício do Porto falou um militante do PS, experiente de várias candidaturas de várias lutas. E falou um militante do PC, mineiro que há vinte anos trabalha na profundidade da terra e que toda a vida lutou contra o fascismo. Falou em exteriorista. Foram «esquerdistas», «filhos de família», «aventureiros» que vieram dar o seu apoio público ao Oteló? Não.

E é isso que dói àqueles que das cúpulas querem controlar tudo e todos, mas que já se deixaram ultrapassar porque o seu oportunismo excedeu todos os limites do aceitável. Por isso o PS de Setúbal adere a Oteló, por isso inúmeros militantes socialistas, inúmeros militantes do PC dão sinceramente, generosamente o seu apoio ao Oteló. Por isso o PS não conseguiu encher o Campo Pequeno (apesar de todas as «viagens» e truques habituais) no comício de apoio a Eanes. Por isso Pato teve apenas centenas de pessoas (apesar «caravana» que se deslocou de ponto para ponto nas várias terras da margem sul. Esta é uma hora de verdade. O perigo do fascismo é por demais evidente. Eanes personifica esse perigo, ele que mal se mascara de «democrata». Pinheiro de Azevedo expressa descaradamente a posição da direita neste país — pois a direita fará o que os americanos que disserem; este país está enfeudado por eles ao imperialismo.

E Oteló é o candidato anti-Eanes (se ele for eleito, Eanes sairá do país) diz o «democrata», o «pluralista» que pelos vistos não aguenta a vitória dos outros...), é o candidato anti-Pinheiro de Azevedo, e, curiosamente Pato é o candidato anti-Oteló. Quanto a Eanes não o «hostiliza» para poder manter boa «cooperação com Belém», diz esse candidato que se arroja falar em nome da classe operária. Mas quanto a Oteló encarrega-se de falar contra

ele todos os dias, sempre que faz declarações. Prepara-se para negociar «com Belém»... e qual é o preço pelo qual quer vender os trabalhadores portugueses? Preço baixo decerto, porque Eanes, o senhor que fala do alto do pedestal não dá dez reis de mel coado por um partido que todos os dias ele demonstra desprezar.

E os «camaradas do PS» lavarão daí as mãos, como de costume.

Mas os trabalhadores portugueses não vão deixar. Os do Porto, os do Algarve, os da Setenave ou os dos textos do Norte. Porque apoiam Oteló. Porque são capazes de se unir para isso. Porque passam por cima dos partidos.

## CÉLULA DO PRP DA LISNAVE

# Não ao controle partidário

O CGT fez publicar um comunicado sobre o título «Final como é? Quem divide e manipula os trabalhadores?», datado de 31 de Maio de 1976.

Isolado, em si mesmo, este papel é a imagem de um grande partido operário cujos órgãos dirigentes se mostram incapazes de acertar o passo com as classes trabalhadoras e corresponderem aos desejos profundos, que a classe operária tem em sacudir a opressão capitalista que se abate sobre nós.

Este comunicado que o CGT emitiu não está, porém, isolado: faz parte de um conjunto de comunicados que traduzem o estado de crise, as contradições do PCP e da necessidade que os órgãos dirigentes têm em separar os seus militantes e simpatizantes da classe.

Por todo o lado se tem verificado por parte das comissões controladas pelos militantes do PCP e das Direcções distritais ou concelhias uma actividade na produção de comunicados, na tentativa de lançar uma imagem deturpada da realidade e denegrir a candidatura de OTELO, não por aquilo que ele é ou representa, mas pelos órgãos ou camaradas que o apoiam.

Calúnias, provocações, demagogia, verborreia, assim tem sido a reacção dos sectores responsáveis do PCP e das suas correntes de transmissão.

De tal modo tem tido uma actividade vil e desajustada dos anseios dos trabalhadores que em algumas empresas os responsáveis locais das células foram chamados à pedra pelo seu secretário-geral.

Mas afinal como é? Oteló entrou na Lisnave depois de ter sido aprovado por votação unânime nos refeitórios, no dia em que se previa a sua deslocação a Balizão.

Mas afinal como é? Oteló entrou e a adesão ao seu contacto directo com uma realidade chamada Estaleiro da Lisnave não sofreu contestação por parte dos trabalhadores que, mais ou menos espontaneamente, vibraram com a figura que representa uma esperança que alguns teimam em apagar.

A impotência do CGT foi a de não ter contido o grande movimento que na Lisnave se levantou em torno da candidatura

de Oteló.

A impotência do CGT foi não ter podido cumprir as decisões do partido no sentido de abafar todas as manifestações de apoio a Oteló.

A impotência do CGT vem do facto de ter sido já desmascarada a ligação estreita entre este órgão e a célula do PCP da Lisnave, que uma folha que circulou pelo estaleiro demonstra, e a qual pode ser confirmada pois foi lida por alguns trabalhadores, de mão em mão, no dia e na hora em que decorria a AGT de 15/5/76.

Para tanta impotência, que significa estarem desligados da classe que os elegeu, os trabalhadores eleitos no CGT tem dois caminhos:

1. Subordinarem-se à vontade dos trabalhadores que os elegeram convencidos que estariam ao seu serviço e não de qualquer partido.

2. Demitirem-se por incapacidade em apresentarem as alternativas que correspondem aos desejos da classe.

Enquanto célula de um Partido responsável na apresentação de alternativas capazes de fazer avançar a classe para a Revolução Socialista, a célula do PRP da Lisnave exorta todos os trabalhadores a fazerem dos seus órgãos de classe instrumentos capazes do avanço do processo revolucionário e a exigir a subordinação dos militantes de classe às aspirações mais esperanças da classe, e não ao controle partidário, que conduz à desmobilização, à calúnia e à destruição de camaradas que entre si tem a separa-los a filiação partidária.

**POVO TRABALHADOR UNIDO PARA O SOCIALISMO!  
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!  
A LUTA CONTINUA!**

CÉLULA DO PRP DA LISNAVE

1/6/76



# OTELO NO SUL

QUINTA-FEIRA  
Sines

SEXTA-FEIRA  
Siderurgia  
e  
Moscavide

SÁBADO

Alcácer do Sal

Lisboa  
(Parque Eduardo VII)  
DOMINGO  
Alentejo

## DIRIGENTES DO PRP NA PJM

Quarta-feira, dia 2 de Junho, das 14.30 às 17.30. Carlos Antunes e Isabel do Carmo, membros do Secretariado do PRP, foram inquiridos pela PJM (Polícia Judiciária Militar).

Interrogados sobre acontecimentos relativos a 29 de Setembro de 1975, aqueles dirigentes declararam ser anticonstitucional qualquer inquérito relativo à vida política dos cidadãos.

Por outro lado, os referidos elementos do Secretariado, perguntaram se Sá Carneiro e Mário Soares já foram inquiridos por causa das suas confessadas ligações com militares de direita, tendo ainda afirmado que este inquérito, sendo uma provocação ao PRP, pretende encontrar explicações para o golpe reaccionário do 25 de Novembro, chefiado pelo general graduado Ramalho Eanes.